

AUTORES & LIVROS

Ano 10
1967/944

SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A MANHÃ"
publicado semanalmente, sob a direção de Mucio
Leão (Da Academia Brasileira de Letras)

Vol. 01
Núm. 19

Notícia sobre Anatole France

Anatole France é o poeta da prosa. Desde o primeiro livro de contos, *Le Livre de Monie*, até o último, *Le Livre de la Vieillesse*, ele escreveu com uma elegância e uma graça que são raras na literatura francesa. Seus contos são pequenos poemas em prosa, e sua prosa é uma música.

Em 1908, escreveu o primeiro livro de contos, *Le Livre de Monie*, que foi publicado em 1910. Este livro foi o primeiro de uma série de livros de contos que ele escreveu ao longo de sua vida.

Em 1910, escreveu o primeiro livro de contos, *Le Livre de Monie*, que foi publicado em 1910. Este livro foi o primeiro de uma série de livros de contos que ele escreveu ao longo de sua vida.

Em 1910, escreveu o primeiro livro de contos, *Le Livre de Monie*, que foi publicado em 1910. Este livro foi o primeiro de uma série de livros de contos que ele escreveu ao longo de sua vida.

com o prosador. Nesse gênero consolidou a literatura francesa de verdadeiras obras-primas, ora publicando romances, como *"O Crime de Sylvestre Bonnard"*, *"O Livro Vermelho"*, *"Sobre a Pedra Branca"*, a *"Revolta dos Anjos"*, os quatro volumes da série de *M. Bergeret*, ora publicando esplêndidas coletâneas de contos, como a *"Poésies de Saint-Clément"*, *"Chansons"*, a *"Festa de Naxos"*, ora publicando volumes de crítica, como os quatro da *"Vida Literária"*, ou o *"Tratado de Literatura"*, ora publicando volumes de história, como essa incomparável biografia de *"Jean d'Arc"*, obra de cultura para a língua francesa.

Esqueto forte, Anatole France esteve sempre identificando com as aspirações da justiça e da liberdade dos homens contra qualquer manifestação de opressão, de abuso, de tirania ou de tirania. Por ocasião da questão Dreyfus, foi um dos grandes combatentes de Zola, ponto em risco a vida para defender uma causa que nem sempre convencia. A Zola, que com tanta veemência e com tanto desdém defendeu o oficial degradado, chamou Anatole France, mais tarde, um momento da *"condição humana"*. Poderemos dizer que Anatole France, tanto quanto Zola, foi, naquele episódio, um momento também da consciência humana.

Escritor talvez seu igual no seu tempo, pelas qualidades de sua prosa, de sua ironia e da graça, Anatole France teve, desde o primeiro momento, o seu gênio

consolidado e proclamado pelas que o poderiam reconhecer e proclamar. Por ocasião da publicação do *"Crime de Sylvestre Bonnard"*, a Academia Francesa lhe concedeu o seu prêmio (1884). Em 1896, essa mesma Academia o chamava ao seu seio. Na velhice, cercado do imenso prestígio que lhe vinha ainda mais do estrangeiro do que da própria França, Anatole France recebeu a galardão máxima que um escritor pode aspirar a receber — o Prêmio Nobel.

Concluído, já em sua velhice, a vir a América do Sul, Anatole France visitou o Brasil. Foi recebido solenemente pela Academia Brasileira de Letras. Naquela ocasião o presidente da instituição, que era Rui Barbosa, pronunciou em francês uma oração — oração que o próprio Anatole France, em sua resposta, classificou como sendo *uma maravilha*.

Anatole France faleceu em Paris em 1924. No momento de sua morte houve uma certa conspiração de silêncio e murmúrio de negativismo, em torno dele. O tempo vai passando, porém as coisas se vão reatando, e os seus justos lugares. E já hoje parece assentado de uma vez que Anatole France foi um grande homem sem conotação política, que ele foi um ardente defensor em prol do espírito e em prol da humanidade, que celebrava, em última, o que de mais puro e de mais digno existe na alma da nacionalidade francesa.



SUMÁRIO

PAGINA 203:	PAGINA 308:
- Notícia sobre Anatole France.	- Diálogo de M. Bergeret na Academia, de Tristão da Cunha.
- Bibliografia de Anatole France.	PAGINA 309:
PAGINAS 294 e 295:	- Fac-Simile de uma carta enviada por Anatole France a viúva de Renan, por motivo da morte desse filósofo francês.
- Anatole France na Academia Brasileira, discurso de Rui Barbosa, presidente da Academia.	PAGINAS 310 e 311:
- Discurso de Anatole France, em resposta.	- A poesia de Mavriel de Prado.
- Uma festa franco-brasileira.	- Mavriel de Prado (nota biográfica, com fotografias).
PAGINAS 296 e 297:	- Bibliografia de Mavriel de Prado.
- Os desenhos de Anatole France (25 gravuras).	- Vinde e um anseio.
- Os desenhos de Anatole France (nota).	- Helôica.
- La mort d'une libellule, de Anatole France.	- Carne!
- Epigrammes funéraires — Hippolyte de Phara, fils de Lakou — Daphné, fille d'Hermès, de Anatole France.	- A Maçã.
PAGINAS 298 e 299:	- Pelo dia dos meus anos.
- Homenagem da Academia Brasileira a Anatole France. Discurso de Constantino Alves, pronunciado na sessão de 30 de outubro de 1924 realizada em homenagem à memória de Anatole France.	- A uma sergipana.
PAGINAS 300, 301 e 302:	- Amor.
- O Conde Morin, (novela de Anatole France) tradução de Fred Novais.	- O operário.
PAGINAS 303, 304 e 305:	- Versos a meu pai.
- O Cristianismo antes e depois de Jesus, de Anatole France (conferência realizada no Teatro Municipal do Rio de Janeiro).	- A minha filha Eleonora.
PAGINA 306:	- Idos de Março.
- Anatole France e a América Latina, de Ronald Hilton (University of British Columbia, Vancouver, Canada).	- A minha filha Eleonora (com 6 meses).
PAGINA 307:	- O Absinto (cerca da vida Renana).
- O sonho de Satan de Anatole France (tradução de Afrânio Peixoto).	PAGINA 312:
PAGINA 308:	- Poetas de Gólk, de Xavier Junier.
PAGINA 309:	- O Cristianismo antes e depois de Jesus — Do Jardim de Epicuro, de Anatole France.
PAGINA 310:	- A Charles Maurras, de Anatole France.
PAGINA 311:	- Nota a este Suplemento.
PAGINA 312:	PAGINA 313:
- Reminiscência da família Mariano de Oliveira de Alvaro Machado.	- Diretoria da Academia Brasileira de Letras.
- Ao Corpo Expedicionário Brasileiro, de Ribeiro Couto.	- Galeria de arte N. 14 — Noémia — Retrato de Mulher.
- Nota sobre O Conde Morin.	PAGINA 314 e 315:
PAGINAS 314 e 315:	- Brasil — Cantata de Olavo Bilac.
- O sonho de Satan de Anatole France (tradução de Afrânio Peixoto).	- O sonho de Satan de Anatole France (tradução de Afrânio Peixoto).

Bibliografia de Anatole France

La Légende de Sainte Geneviève, rom. de France, 1880.	13 - "Le Crime de Sylvestre Bonnard" — Calman-Lévy — 1881.	27 - "Les Opinions de M. Jérôme Cornu" — Calman-Lévy — 1893.
Alfred de Vigny, étude — 1886.	14 - "Les débris de Jean Servien" — Lemerre — 1882.	28 - "L'Elvire de Lamartine" — Champion — 1893.
semanada edição corrigida 1924 (Claude Aveline).	15 - "Abécille" — Charavay — 1883.	29 - "Le Lys Rouge" — Calman-Lévy — 1894.
"Le Vol de Madame de Mantes" — 1886.	16 - "Le Livre de mon ami" — Calman-Lévy — 1885.	30 - "Le Jardin d'Epicure" — Calman-Lévy — 1894.
biografia (com introdução de L. X. de Ricardo).	17 - "Nos enfants-femmes de la ville et des champs" — Hachette — 1886.	31 - "Le Palais de Sainte-Clément" — Calman-Lévy — 1895.
"Les Poèmes de J. Br..." — 1873.	18 - "Vie Littéraire" — série — Calman-Lévy — 1888.	32 - "Poésies" (edição definitiva das duas coletâneas de 1873 e 1876) — Lemerre — 1890.
"Bernardin de Saint Pierre et la Princesse Marie..." — 1874.	19 - "Le Château de Vaux" — Lemerre — 1888.	33 - "Discours de Reception à l'Académie Française" — Pichon-Dido — 1890.
"La Querelle des Imaginaires" — 1875.	20 - "Baltazar" — Calman-Lévy — 1889.	34 - "Pages Choieses" — Calman-Lévy — 1897.
"Les Noces Corinthiennes" — 1876.	21 - "Vie Littéraire" — série — Calman-Lévy — 1890.	35 - "Le Manège d'Osier" — Calman-Lévy — 1897.
"L'Autour à un Ami" — 1876.	22 - "Thais" — Calman-Lévy — 1890.	36 - "La Leçon bien apprise" — Floury — 1898.
"L'Autour à un Ami" — 1876.	23 - "Vie Littéraire" — série — Calman-Lévy — 1891.	37 - "Au petit bonheur" — Paris, por Pierre Douze — 1893.
"L'Autour à un Ami" — 1876.	24 - "Vie Littéraire" — série — Calman-Lévy — 1892.	38 - "Tierre Noire" — Lemerre — 1899.
"L'Autour à un Ami" — 1876.	25 - "L'Autour à un Ami" — Calman-Lévy — 1892.	39 - "Le Lys Rouge" — Toulouze — 1899.
"L'Autour à un Ami" — 1876.	26 - "La Rôtisserie de la Reine Pédagogue" — Calman-Lévy — 1893.	

Continua na pag. 2091

Anatole France na Academia

RUI BARBOSA, ENTÃO PRESIDENTE, CONVIDANDO O AUTOR DE "SILVESTRE BONARD" A OCUPAR LUGAR NA MESA, PRONUNCIANDO O SEGUINTE DISCURSO:

MR. ANATOLE FRANCE:

Mon courage serait inconcevable, si j'avais eu la liberté du choix, en acceptant la mission de vous adresser la parole en français devant cet auditoire. La langue des affaires, dont j'ai eu à me servir, par la force du métier, pendant une carrière diplomatique de quelques mois, dans un milieu très éminent, sans doute, mais pas fort difficile en matière d'art n'est pas précisément l'instrument littéraire qu'il me faudrait ici, pour vous entretenir des sentiments de mes collègues et de nos compatriotes sur votre compte, dans un cercle de gens de lettres, où, d'ailleurs, je ne me trouve que par un excès de complaisance ou par un caprice de la gentillesse de ceux qui m'environnent. Il est bien plus aisé, certainement, de faire une pointe sur la diplomatie que d'empiéter sur ce domaine des élus, où vous exercez, Mr. Anatole France, l'autorité formidable d'un modèle sans tache.

Dans la correspondance de Frédéric, le Grand avec Voltaire, que est un train de se publier en Allemagne, on voit que le monarque prussien, écrivant des vers français pour faire la cour au poète de Cirey, s'excusait un jour de cette outrecuidance, en lui disant: "Je vous réponds en bégayant dans une langue qu'il n'appartient qu'aux dieux et aux Voltaires de parler." Cette langue de Voltaire, que vous écrivez aussi naturellement qu'un homme de son siècle, avec pas moins de goût et plus de couleur, c'est un délice que de l'écouter, lorsqu'elle chante sous la plume des maîtres, c'est un plaisir que de s'y essayer dans la causerie, mais c'est une frayeur à placer que d'avoir à s'y exprimer en public, du haut d'un fauteuil présidentiel, avec les responsabilités d'une académie et la charge de recevoir le prince de la prose française.

Tout académicien que vous êtes, vous avez été quelque part tant soit peu sévère à l'égard des académies, dans vos lousanges aux naturels des îles de Fidji, où c'est l'usage, dans les familles, de tuer leurs parents, quand ils sont vieux, pour mettre une limite à ce penchant ou à cette habitude, qui porte les vieillards à tenir beaucoup trop à leurs idées. D'après vous, ils facilitent ainsi l'évolution, tandis que nous en retardons la marche en faisant des académies. Je n'ose vous assurer, Mr. Anatole France, que ce ne soit pas une expiation de cette petite médisance l'épreuve que vous subissez dans ce moment. On y pourrait soupçonner une ingénieuse vengeance d'académie, déguisant sous des fleurs l'idée bizarre d'envoyer en orateur au plus aimable des sceptiques un de ces vieillards tenaces, qui n'auraient pas trouvé grâce devant ces bons fidjiens, et au plus élégant joaillier de la prose française un mauvais barbouilleur de votre bel idiom.

Me voici déjà bien loin, avec ce long préambule, des règles du bon goût et de la convenance. Mais ce n'est pas à moi la faute, si j'y manque, avec la conscience d'y manquer. Vous ne ferez à coup sûr, Mr. Anatole France, la part de mes difficultés, en acceptant cet aveu de mon impulsion, cet acte d'obéissance et d'humilité, comme le premier de mes hommages.

Le rapide passage que vous faites ici ne nous accorde que des heures de votre présence chez nous. Ainsi il n'y a que des moments dont nous puissions profiter, pour vous recevoir en hôte sous ce toit modeste, qui ne vous rappelle point la coupole ou la fille de Richelieu, et n'aurait pas effrayé le bième de Jacques Tournegrouche ou l'apologie de Jérôme Coignard. Heureusement pour nous tous qu'il ne m'incombe pas de vous présenter au public, ou de lui dire à votre suite quel que ce soit de nouveau. Ce ne serait nullement possible. Vous êtes tout à fait des nôtres, des plus connus et des plus intimes à notre société. Dans votre tour aux rives de La Plata, où vous allez révéler à la curiosité sud-américaine quelques veines précieuses de la mine de Rabelais, entrevues par un mineur qui s'y connaît finement, vous vous trouvez au milieu d'une civilisation luxuriante et pleine d'avenir. Mais vous n'y rencontrez nulle part, dans cette nouvelle Europe, où le niveau intellectuel est des plus hauts, vous n'y rencontrez pas une culture, chez laquelle votre célébrité et vos écrits soient plus familiers que parmi nos intellectuels.

Nous avons parcouru sans cesse toute la gamme infinie de vos enchantements, depuis les "Noces Corythiennes" et "La Vie Littéraire" jusqu'à "L'île des Pingouins". Oh! que j'aimerais à y revenir maintenant en votre compagnie! Mais le temps presse et m'entraîne. Laissons donc le "Jardin d'Épicure": "Thais", avec ses anachorètes pieux du temps où s'accroplissait la parole du prêtre: "Le désert se convivia de fleurs"; "Balthazar" à l'âme simple, qui cherchait la vérité et avait découvert une étoile nouvelle dans le ciel; cet ange-lique "Silvestre Bonnard" qui ne prend au feu que la place laissée par Hamillcar couché en rond sur son coussin de plumes, le nez entre ses paties. Vous rappelez-vous le tableau de cette intimité? "Un soufflé égal soulevait sa fourrure épaisse et légère. Au milieu égal coula doucement ces prunelles d'agate entre ses pupilles mi-closées, qu'il referma presque aussitôt, en songeant: "Ce n'est rien, c'est mon ami!"

"La Rôtisserie de la Reine Pédauque"? On ne peut pas s'y rendre, sans y revenir maintes fois, comme un client de la maison. L'impie n'y pas contagieux. On l'y sent comme une subtilité vague et flottant, qui n'empoisonne pas l'assistance, ainsi que les vapeurs d'un cigare d'élite, tout en répandant l'arôme, n'en laissent pas des traces que dans les poudrons du fumeur. Qui pourrait jamais oublier Jérôme Coignard, M. d'Astarac et la Famille Tournegrouche? L'issue en est triste. Comme celle de toutes les choses humaines. En garde, comme un parfum de souvenir, l'impression de la dernière visite. "L'air était embaumé d'herbes et plein du chant des grillons. La belle nuit!" L'abbé avait rendu l'âme. Son éditeur le tient pour "le plus gentil esprit qui ait jamais fleuri sur la terre." On ne pourrait mieux dire de l'esprit de M. Anatole France.

Nous nous sommes assis sous "L'orme du Mail", sur ce banc où l'on faisait, dans une ville de province, la politique du pays; et depuis lors nous avons lié connaissance avec toute cette société de fonctionnaires et de magistrats, de dames et de gens d'église, qui fait votre roman de "L'Histoire Contemporaïne". Dans le "Mannequin d'Oiler", "L'anneau d'améthyste" et "Monseigneur Bergeret à Paris", il n'y manque jamais de science, d'observation, d'intérêt. La sévérité, cependant, en est parfois effrayante, mais presque toujours d'une humeur aimable, quoique avec un grain d'amertume. Et puis, "L'Étui de Nacre", et "Pierre Nozière", et "Craquembille" et d'autres. J'en passe, et des meilleurs. Il faut s'arrêter. Votre œuvre coule de source; elle est intarissable. La pensée en déborde à pleins, comme d'une vasque de fraîcheur, en onde calme et limpide, quelque fois azurée et opaline, souvent grise et mélancolique, au pré des fleurs et des nuages qu'elle reflète, rarement gonflée, jamais troublée.

On s'émerveille de la finesse de votre analyse. Votre scalpel étincelle. L'anatomie que vous pratiquez, abonde en surprises. Vous maniez votre microscope avec l'adresse des investigateurs les plus rares. Dans les laboratoires d'histologie sociale on ne vous trouverait, peut-être, un rival. Il n'y a rien, de la cellule, du tissu nerveux, de la substance organique des faits humains, qui échappe à votre coup d'oeil génial. C'est partout un sans nombre de miniatures étonnantes de vérité partielle et circonscrite.

On dirait le détail, le relief et la précision de l'art flammand, mais avec la légèreté, le sourire, le jour de votre atmosphère. Et aussi, parfois, de loin en loin, sous des trauers lumineux, de grands tableaux, qui par leur vigueur et par leur coloris deviennent de véritables obsessions pour la mémoire du spectateur, le suivent hors de la galerie et lui hantent le sommeil. Que de réalités, quelle puissance, quelle vie dans ces créations indélébiles! Ce n'est pour vous quelquefois qu'un coup de baguette, des miracles sans effort, des fleurs de jouissance intellectuelle que l'on dirait poussées à l'abandon. Vos bagatelles même sont des bijoux. Il y a des évocations de votre pinceau, qui ne vous coûtent qu'un instant. Il nous arrive de les rencontrer de temps à autre, à l'improviste, au milieu d'un fouillis d'étrangetés et de paradoxes, comme des choses vivantes. On ne peut que vous pardonner tous les péchés de votre âme payenne comme celle des chrétiens de la Renaissance, lorsqu'on voit jaillir de votre palette ces prodiges d'inspiration créatrice. Je n'ai jamais pu oublier ce vieillard hirsute et robuste qui, dans "Le puits de Saint Claire", après avoir fixé le ciel à travers le feuillage, en souriant, arrêta sur Fra Mino un regard ingénu. "Dans les rides profondes de son visage, ses yeux bleus et limpides brillèrent comme l'eau d'une source entre l'écorce des chênes". Qu'est-ce qui manque à cette apparition, pour quelle nous parle? Y a-t-il rien de plus saisissant dans la peinture, rien de plus achevé dans l'expression, de plus puissant dans la plastique?

Ce serait assez pour emplir une toile magnifique, dans l'atelier d'un maître d'Italie. Et cependant ça n'a été pour vous qu'un bref épisode, l'affaire de quelques mots. C'est la gloire de la parole humaine que de peindre continuellement, instantanément, où qu'elle se pose, comme le soleil, dans les musées ne comporteraient pas les tableaux, par cela même qu'ils sont innombrables et fuyants dans leur innarrable beauté.

Mais, ne m'en veuillez pas de vous le dire, on peut ne pas éprouver la même admiration et les mêmes sympathies pour les inductions, pour les généralisations, pour les synthèses de la philosophie de quelques personnages de vos merveilleux romans. Je ne dis pas de la vôtre; car elle n'est pas mince la distance entre la bonhomie optimiste de l'abbé Jérôme Coignard et l'aigrebois misanthropique de Mr. Bergeret dans le "Mannequin d'Oiler". J'aime plutôt la souriante indulgence de cet abbé, grand pécheur, mais cœur plein de bonté, dont vous avez "recueilli avec zèle les propos", de long de ses jours, tout remplis d'idées et de rêve. Il "répandait sans solennité les trésors de son intelligence"; et, s'il a subtilité, toute sa vie durant, sur le bien et sur le mal, la mort en est sainte et belle, par le pardon et par l'humilité qu'il porte sur les lèvres en expirant. La légère ironie qui se répand sur toute son existence, et en teint encore la fin, ne ressemble aucunement à cet aigre pessimisme,

qui définit la vie sur cette plume émue, que "répète". Mon dictionnaire est plein de cela, dit Mr. Bergeret. "Anchie" contient une histoire furieuse dans un corps apaisé. C'est la vie, il n'y a guère à espérer qu'une éternité toute en enfer, enfin la sagesse et la beauté". Mr. Bergeret, dans ses extrêmes de l'axe de notre existence, dans son dictionnaire et dans son fœtus, nous a fait l'autre n'ont répandu à son mérite. Mais il ne prouverait pas ni l'universalité du mal ni la bonté de l'injustice. Autour du malheur et de la souffrance, qui ont une si grande part dans notre lot, il y a un rayonnement de joie, qui illumine les choses et les êtres, en nous donnant à goûter le bonheur de vivre. On ne peut pas se satisfaire, en voyant la magnificence de l'été, en rencontrant la bonté, en éprouvant l'amour, en se sentant corré par la douceur d'un bon repas, C'est bon de vivre, quand on en a le droit, en espère, quand on fait le bien, quand on est fier de la beauté dans les œuvres de ses créateurs, respectés, dont vous êtes, Mr. Anatole France, les plus exquis et des plus raffinés.

Si M. Bergeret vous avait lu, il ne vous aurait pas les fautes de son dictionnaire, dont vous avez point eu besoin, pour composer des chefs d'œuvre de style et de langage sans reproche. L'homme de son infortune domestique lui vola le sang et la réalité autour de lui même, dans cet honneur de France, où les lares de la politique, de la civilisation, de l'ordre social ne sont pas si près de bout de tuer l'amour, la fidélité et l'homme.

Notre dernier président, le principal fondateur de cette académie, dont vous avez en la tête de prononcer le nom à Paris avec estime, adieu, le comte, nous sembla-t-il, sous la présidence de la souffrance. On le disait ne pour la durée. Sa femme, cependant, l'en a préservé, en lui faisant de sa tendresse et de son dévouement un lieu tranquille, qui l'environne d'affection toute sa vie. Il était aussi un philosophe et pratiquant la philosophie. Mais il se consacra bien de savoir et de commencer notre dictionnaire, en écrivant des livres, qui en tiennent lieu avec avantage pour ceux qui voudront boire notre idiom avec une source vivante.

Votre œuvre littéraire s'est mêlée beaucoup de la politique. C'était bien naturel de s'y lier, car l'ennemi. La politique, tout le mal que l'on peut, ne remplira jamais la mesure de la réalité. On ne s'en va de ses destructeurs convaincus. Mais je ne vous brouillai pas avec les gens d'opinion combattant chez nous, en leur reconnaissant les qualités hétérodoxes de vos personnages.

Il ne faut pas leur déceler que ces hommes volent dans le suffrage universel un attentat à l'ordre et dans le gouvernement pépinière un système de fictions et d'expédients. Je ne dis pas que vous ayez tort. Mais notre ami l'abbé Coignard ne serait pas si dur à certains égards, s'il avait l'habitude vulgaire de la rôtisserie. C'est pourquoi il soutient que "les ministres ne sont considérables que par leur habit et leur carrosse". C'est pourquoi il vante la sagesse de la vieille de Socrate, dont l'expérience lui enseignait que le plus détestable des trams est toujours plus détestable que son successeur. C'est pourquoi après Danton et Fleury il redoute le gouvernement de Jean Bouda. C'est pourquoi il pense que les gouvernements despotiques ne sont que l'enveloppe des pures imbecillités. Je suis sûr, Mr. Anatole France, qu'un n'avez étalé ces théories scandalieuses de cet étrange abbé que comme des erreurs fatales, imputées à un prêtre égaré par l'esprit de sédition.

Il avait néanmoins dans son fond l'effroi d'un politique achevé, cet abbé de province. De ce côté et de celui de l'esprit, il réclait en lui du côté de Talleyrand de bonne sonche. L'Eglise a été toujours fertile en diplomates accomplis et en connaisseurs d'hommes. C'est pour ça, je le résumais, que le gentil orateur de la "Rôtisserie de la Reine Pédauque" a laissé dans ses conversations des choses dignes du bréviaire de l'homme d'État. Il a eu l'intuition de cette science d'une manière pénétrante, dans ce qu'elle a de plus fin et de plus intime et de plus réel; le sentiment de l'infirmité nécessaire des personnalités gouvernantes. "Un gouvernement qui, sortant de la médiocrité et commune honnêteté, scandalise les peuples, peut être déposé", nous dit-il. "C'est parler d'or; et ce fut bien dommage de voir finir dans un coin, connu l'âme d'où se déversaient volontiers, dans la grâce et la paix", des conseils aussi salutaires aux institutions conservatrices.

Il était la tolérance même et la transaction en personne. Et c'est dire qu'il était né politique. "J'abaisse volontiers les frisons", avouait-il tout bonnement, "et même je ne garde pas rancune aux gens de bien". Voici enfin la perle des bonheurs de choses dans l'art d'être poli, qui n'est pas, certes, oh! non, celle, éminemment politique, de flatter: "Apprenant qu'un de ses chanoines était au plus mal, l'évêque de Bézès l'alla voir dans sa chambre et le trouva à toute extrémité: "Et lui dit le chanoine; je demande pardon à Votre Grandeur d'être obligé de mourir devant elle. Mais, faites, ne vous gênez point...", répondit le chanoine, "seigneur avec bonté". Mais débarrassés nous de ce sujet. Vous l'avez embellie; mais il n'est pas gentil.

Politique, morale, philosophie, tout ce qui suit l'influence de votre plume, reçoit l'empreinte de

Brasileira

Em sessão ordinária de 17 de maio, de 1909, recebeu a Academia Brasileira a visita de Anatole France

...era fatalidade. C'est elle qui a parsemé de fleurs les pages de vos livres. Voilà comment l'innocence de votre destination naturelle avec l'élégance vous attire au paradoxe, un de ces points d'artiste, qui s'égrènent en scintillant sur vos doigts, insignes dans la magie littéraire. Mais la fièvre de nos régions tropicales, cher la France excentrique des orchidées, qui peuplent de l'ombre silencieuse de nos forêts, l'enlèvement de même l'aristocratie du paradoxe éminent, le royaume fleuri de l'absurde, sous de formidables, d'une invention imprévue et ravissante. Rendit, humaniste, bouquiner, vous aimez le monde et s'enchaîne, de ces cançoes, de ces gemmes d'opéra. Je ne vous en blâme pas. C'est souvent d'une saveur voluptueuse. Les natures sont incapables.

...ne cherche pas en vous le moraliste ou le philosophe. C'est plutôt sur l'art immortel que vous êtes. C'est pas à dire que vos spéculations philosophiques furent avec l'ordre ou la morale. Tout au plus, celles-ci ne sont pas leur affaire. De la hauteur de votre œuvre il y a des horizons sur les problèmes qui intéressent l'intelligence humaine, et si vous ne vous proposez pas à les résoudre, ou si vos solutions nous déplaisent, vos tentatives, vos herèses, vos réticences mêmes sont de celles qui l'élevaient le débat et élargissent la pensée. Mais ce n'est pas là, certes, la sphère de votre vocation. Une splendide, une radieuse fleuraison d'art, un ineffable épanouissement de formes irréprochables, voilà ce que votre œuvre, finement délicate. Dans ce domaine de la beauté terrestre on ne détrône pas de l'Olympus les dieux de la gentilité. Phidias, fait pour compagnie à Michel Ange.

...Du resto, même sous les mouvements les plus subtils de votre incrédule il s'ouvre des perçages d'une douce lumière, qui sourient à l'âme des enfants, des traits d'innocence, de bonté, ou d'expiation dans les chutes les plus sombres. Vous souvenez-vous de ce religieux des thébaïdes de la vallée du Nil, possédé "d'orgueil, de luxure et de amour"? Il rendit Dieu et le ciel, enlaçant dans ses bras le corps de Thais mourante. Mais alors que les ténépices de la malheureuse se ferment pour toujours, tandis que les vierges entonnaient le cantique sacré, la face du moine s'était faite noire et difforme, comme son cœur. "Il était devenu si hideux qu'en passant la main sur son visage, il se sentait laideur." Dans votre "Histoire Comique" vous en avez mix vous même la moralité dans ce personnage final de Félicie Nautouil: "Qu'est-ce que ça fait que je sois une grande artiste, si je ne suis pas heureuse?"

...D'ailleurs, si votre œuvre est imbibée d'ironie, elle n'est pas moins de pitié: à côté de l'ironie, il y a la bienveillance, qui nous fait la vie agréable, la pitié, qui, en pleurant, nous la rend meilleure. On ne saurait être méchant avec cette noble soubriété de commiseration et de bonne humeur.

...Dans votre production ondoyante et diverse, parmi tant de figures animées de votre haleine, il y avait bien malaisé de reconnaître celle qui dessinait la plus votre image intérieure. Me permettez-vous, pourtant, la timidité d'une conjecture? C'est dans ce type de Jérôme Coignard, un Prothée d'esprit, que vous même, que l'on croirait voir passer le plus fréquemment votre silhouette intime, on se frotte de ce diable serein, dont la lueur irradie d'unement vos écrits de nuances harmonieuses. Ce subtilisateur, aussi habile à effleurer les choses qu'à les approfondir, ce professeur de nonchalance

et d'à-propos, d'extravagance et de raison, dont la langue parle de fois à autre comme l'Écclésiaste, disait un jour à son cher élève: Tournebreville: "Rien n'étonne l'audace de ma pensée. Mais prenez bien garde, mon fils, à ce que je vais vous dire. Les vérités découvertes par l'intelligence demeurent stériles. Le cœur est seul capable de féconder ses rêves. Il verse la vie dans tout ce qu'il aime. C'est par le sentiment que les semences du bien sont jetées sur le monde. La raison n'a point tant de vertu. Et je vous confesse que j'ai été jusqu'ici trop raisonnable dans la critique des lois et des mœurs. Aussi cette politique v-t-elle tomber sans fruits et se sécher comme un arbre brûlé par la gelée d'avril. Il faut, pour servir les hommes, rejeter toute raison, comme un bagage embarrassant et s'élever sur les ailes de l'enthousiasme. Si l'on raisonne, on ne s'envolera jamais". Les "Opinions" de ce sage finissent par la vibration de cet hymne au cœur et à l'enthousiasme. Et voilà comment votre scepticisme s'élève vers l'idéal, en s'appuyant sur les ressorts les plus puissants de la vie. N'est-ce pas, du moins ici, la philosophie la plus humainement vraie?

...Mais votre philosophie n'est pas bien et beau votre force. Votre force, l'empire de votre vocation, consiste dans le charme et la noblesse de cet art inimitable, inmarcescible, dont vous possédez en France, aujourd'hui, plus que personne le secret miraculeux. C'est là que se trouve l'essence de votre pensée, dans une transparence lumineuse comme le lit vert de nos plages sous les vagues dormantes. Ceux qui s'éloignent le plus de vos idées morales, s'abandonnent tout de même de l'ampleur, de la pureté, de l'harmonie de votre forme, dont la mesure et la correction nous rappellent souvent les marbres immaculés. Or la forme, dans l'idéalité de ses lignes, c'est presque toujours ce qui reste de la pensée, comme une amphore ancienne: d'une essence perdue. Vos ouvrages nous élèvent à la sensation de la beauté parfaite, qui n'est pas tout à fait le vrai et le bien, mais qui en est un élément adorable. Fait tout simplement de clarté et d'esprit, votre style, d'un cristallin fluide, frappé toujours d'un rayon de soleil, s'épanche et se meut, dans la langue de Rabelais et de Montaigne, de Voltaire et de Pascal, de grands devanciers, de ces ancêtres impérissables. Maître de l'expression littéraire, arbitre de la grâce et bon goût, vous avez droit, entre tous, aux hommages des hommes de lettres.

...Ces hommages, l'Académie Brésilienne vient vous les rendre bien émue, prise qu'elle est aux charmes du contact de l'enchantement, dont il lui est donné aujourd'hui de serrer la main et d'écouter la parole.

...Nous voyons en vous, dans ce moment, l'incarnation même de ce génie latin, dont vous avez redit l'autre jour la gloire; de ce génie latin dont les ailes, s'étendant du côté de l'avenir, abritent la partie la plus glorieuse de votre continent et la plus grande partie du nôtre. Si vous revenez un jour sous ce climat, qui n'est pas hostile, vous le sentez bien, vous écouteriez alors des voix plus dignes de vous; celles de nos arrivains, de nos orateurs, de nos poètes. Mais, si nos souhaits ne doivent pas être exaucés; si vous ne revenez jamais chez nous, nous espérons, tout au moins, qu'en racontant un jour en Europe les merveilles de notre nature, vous pourriez y ajouter quelques mots d'un bon témoignage à l'égard de notre civilisation.

...Nous tenons aussi à vous remercier vivement de votre haute bienveillance envers l'Intellectualité

brésilienne, ou président, à Paris, la séance consacrée à la mémoire de notre illustre et regretté maître Machado de Assis.

C'est encore avec la plus sincère effusion d'âme et la reconnaissance la plus profonde que nous venons vous exprimer à quel point nous sommes sensibles à l'honneur de votre visite. Nous en sommes touchés comme d'une distinction royale. Toute cette maison rayonne de bonheur. L'humble toit s'en souviendra longtemps. Votre présence ici nous donne à sentir vivante, à notre côté, la splendeur solaire de cette grande France, qui a été la mère intellectuelle à nous tous, les peuples de cette race, et au sujet de laquelle on a pu écrire sans excès d'apologie: "Tant qu'elle existera, il en émanera de la lumière." Et c'est tout dire. Ce serait inutile d'y insister davantage, pour vous traduire une fois de plus l'admiration et le ravissement de ceux qui dans ce pays se sont habitués à vous suivre.

II

RESPOSTA DE ANATOLE FRANCE

Mr. Ruy Barbosa:

Vous avez eu la coquetterie de vous défendre de bien parler le français, et cependant vous nous avez donné une page charmante de littérature française...

Je vous l'assure, votre discours est une merveille. Et je m'y connais!

Vous me voyez très ému, très touché de me trouver au milieu de vous; mon regret de ne point savoir parler le français, et cependant vous nous avez donné une page charmante de littérature française...

Vous avez apporté sous votre beau ciel tout le passé du vieux monde et avez assumé l'effroyable tâche de réaliser ce qu'il peut contenir de beau et de grand. Vous vous êtes adoptés les institutions de la vieille Europe en laissant de l'autre côté de l'Océan leur cortège de pessimisme; et c'est l'optimisme qui sera votre guide, ce dont je vous félicite, car l'optimisme est une forme de courage plus commune que l'on ne pense.

Vous avez entrepris l'éducation de votre peuple, après avoir abandonné nos préjugés pour n'appliquer que les idées, les plus nobles, celles de justice et de vérité. Et vous présentez au monde ceel d'admirable que vous n'avez pas de préjugé des races, si fatal à certains pays et dont ils ne se débarrassent qu'au prix de luttes sanglantes. Vous allez ainsi de pair en cela avec les plus grandes nations: l'Angleterre, par exemple, ne connaît point le préjugé des races.

Je suis heureux de rendre ici un hommage à M. Ruy Barbosa, l'heureux champion de cette grande pensée: la possibilité — je ne dis pas probabilité — de la paix universelle. Il faut se garder des erreurs généreuses et se prémunir contre les surprises du cœur, mais tout fait prévoir que par votre talent et par la chaleur de votre conviction vous aurez réservé à votre République la gloire d'avoir contribué à apporter au monde la paix universelle.

Je salue encore une fois cette Académie, qui représente une culture et un esprit si voisins des nôtres, et fait rayonner l'esprit latin avec tant de fierté et de simplicité.

("Revista da Academia Brasileira" — 36).

UMA FESTA FRANCO -- BRASILEIRA

...Aus 3 de abril de 1909, reatou-se em Paris, no amphiteatro Richelieu (Sorbonne) uma festa em homenagem a Machado de Assis, por iniciativa da "Sociedade dos Estudos Portugueses". Para presidir a esta sessão foi convidado Anatole France, o qual pronunciou o seguinte discurso:

"Esta festa de intelectualidade brasileira, a que eu tenho a grande honra de presidir, meus nobres compatriotas, o dr. Richelieu, cuja rectidão e generosidade toda o mundo conhece vai mostrar-vos as simpatias que unem o Brasil á França; o dr. Oliveira Lima, ministro do Brasil em Bruxelas, membro da Academia Brasileira, vai deliciar-vos com aquela arte tantas vezes aplaudida falando-nos do seu compatriota Machado de Assis, que o Brasil considera uma de suas maiores glórias.

Para mim, meus senhores, não creio ter demasiado longa o sentido desta festa literária tendo não a celebração do génio latino nos dois mundos.

E o génio latino poderá ser

assaz celebrado? A humanidade deve-lhe o nascimento e o renascimento da civilização. O seu sono de dez séculos equilibra pela morte do mundo.

...Era eu então, em um livro de Henri Cochin, uma extraordinária narrativa do velho anacleta parisiense Stefano Infresco, que vos vou contar, por minha vez, não encontrando outra imagem do sentimento que era nos reunia aqui.

...Era em 1845, aos 13 de abril. Nessa dia correu a notícia de que alguns operários lombardos, fazendo escavações ao longo da Via Appia, acharam um sarcófago romano, com estas palavras gravadas no mármore branco: JULIA, FILHA DE CLAUDIO.

...Levantada a lápide que fechava o túmulo, viu-se uma moça de quinze a dezesseis anos, cuja beleza, por efeito de desconhecidos óleos ou por qual quer magia misteriosa, brilhava ainda com todo o esplendor e frescura. Com os longos cabelos louros caíndo-lhe sobre as expadas brancas, ela sorria no seu sono.

Os Romanos, em multidão, acorreram ao túmulo e cheios de entusiasmo, levantaram o leito de mármore em que Julia



Anatole France, em uma caricatura de Loui da Camera.

repostada, e levaram-na para o Capitólio, onde o povo veio em chrusma admirar a beleza inefável da virgem romana. E o povo quedava-se silencioso, contemplando-a indefinidamente, porque as suas formas, dizem os crónistas, eram mil vezes mais admiráveis do que as das mulheres que viviam no seu tempo.

Finalmente, a cidade tanto se emocionou com este espetáculo, que o papa Inocência, temendo que o culto pagão e impio renascesse do corpo esplêndido de Julia, fê-lo desaparecer do Capitólio á noite, e enterrar em segredo; mas o povo romano nunca mais perdeu a recordação da beleza antiga que tinha passado diante de seus olhos.

...Eis o eterno milagre do génio latino! Quando ele desperta, com ele logo se desperta o pensamento humano; as almas se desoprimem, a beleza e a ciência rebrilham. Em vão tentariam os génios das trevas encerrar-lo de novo no túmulo. Latinos dos dois mundos, orgulhem-nos da nossa herança

comum. Mas saibamos respeitá-la com o universo inteiro não esqueçamos que a beleza antiga, a eterna Helena, cada vez mais augusta e mais casta, de raptu em raptu tem por destino dar-se a raptores estrangeiros e á luz, em todas as raças, todos os climas, a novos Eufóricos cada vez mais brilhantes e mais belos".

Falou depois o professor Charles Richet, que estivera no Brasil em 1908, tendo em seguida a palavra o sr. Oliveira Lima, que pronunciou uma conferência sobre Machado de Assis.

A festa terminou por um convite entusiástico de Anatole France, aclamado calorosamente por todos para que continuassem, cada vez mais fortes, a união e a amizade da França e do Brasil.

A essa festa estiveram presentes Olavo Bilac e Afonso Arinos, da Academia Brasileira.

(Revista da Academia Brasileira, n. 36).

OS DESENHOS DE



Desenho de Anatole France n.º 1
Capa para o caderno de desenhos
de P. — P. Prud'hon, feita a pena
por A. F. — Coleção J. L. (Jacques
Linn).



Desenho de Anatole France — Mu-
lher nua, estendendo os braços (Bi-
blioteca Nacional).



Desenho de Anatole France — Pro-
feto de fonte para "La Biche". (1920).



Desenho de Anatole France — An-
néa limpando a casa. (Coleção "La
Vie en fleur", 1922).



Desenho de Anatole France — Um
pinguin (Coleção Lucien Le Lay).



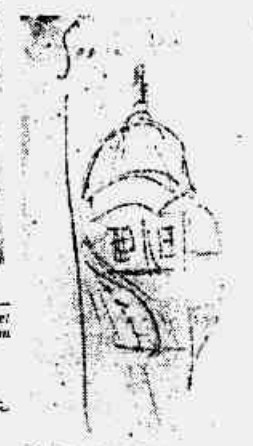
Desenho de Anatole France — Ca-
beça de mulher, segundo Ligier —
Richter, 1910.



Desenho de Anatole France — Mu-
lher se penteando — (1915).



Desenho de Anatole France —
Madame L. Arman de Caillavet
(Croquis em sanguine feito em
1906).



Desenho de Anatole France — Ver-
gem casa da rua Giraudeau — Pa-
a a Revista dos Amos (Agosto de
1912).

Desenho de Anatole France — Pro-
feto de ca- libris, à maneira de P.
P. Prud'hon. (Conjunto de três
croquis, desenhados por A. F. em
1916 para o capitão Paul Bouet.
(Col. P. B.)



Desenho de Anatole France — Um
príncipe capivo.



Desenho de Anatole France — O
Monumento de P. P. Prud'hon em
Cluny (Croquis feito em Cluny, em
4-7-1910).



Desenho de Anatole France — Um
pastor em Taormina (7-4-1913).



Desenho de Anatole France — A

Cativa — Desenho posto em uma
carta enviada de Taormina ao Jor-
nal "Le Peuple" de Bruxelas (9-6-
1913).



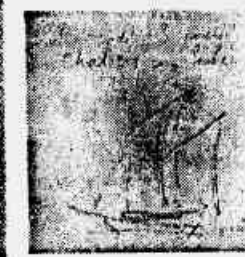
Anatole France, numa caricatura
de Alnus



Desenho de Anatole France — Uma
mulher nua. (17-7-1913).



Desenho de Anatole France — Um
barco em Calais, na Rubéa (12-4-1913).

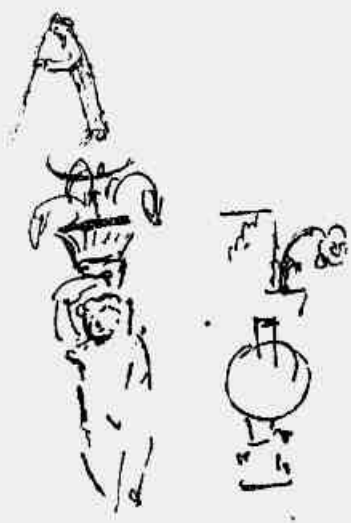


Desenho de Anatole France — Um
barco em Calais, na Rubéa (12-4-1913).



Desenho de Anatole France — A
igreja de Vigo em Por ugal (1903).

ANATOLE FRANCE



Desenho de Anatole France — Au Livre d'Amour — projeto de assinatura para um livro, (11-7-1922)

Desenho de Anatole France — Retrato de Elodie, existente em uma das páginas de borrão de "Les Deux ont euf".

Desenho de Anatole France — Lâmpadas e apêndices eétricos.



Um desenho de Anatole France



Desenho de Anatole France — Projeto de assinatura para o parque de "La Bachellerie".



Desenho de Anatole France — A morte de Cleopatra — Croquis de quadro de De Bouffrenant (Museu de Rouen).

LA MORT D'UNE LIBELLULE

ANATOLE FRANCE

Sous les branches de saule en la vase baignées
Au soleil pur se tait, glorieux sa torpeur,
Tandis qu'on voit sur l'eau de grêles araignées
Fuir vers les nymphéas que boile une vapeur.

Mais, planant sur ce monde où la vie apaisée
Port d'un sommeil sans joie et presque sans reveil,
Des êtres qui ne sont que lumière et rosée
Sont agités leur âme éphémère au soleil.

En fait que je voyais ces sveltes demoiselles
Comme nous les nommons, orgueil des calmes eaux,
Réjouissant l'air par le bruissement de leurs ailes,
Se fuir et se chercher par-dessous les roseaux.

Un enfant, l'oeil en feu, vint jusque dans la vase
Fouiller son filet vert à travers les iris,
Sur une libellule; et le réseau de gaze
Emprisonna le vol de l'insecte surpris.

Le fin courage vert fut percé d'une épingle;
Mais la trêve blessée, en un farouche effort,
Se fit jour, et, prenant ce vol strident qui cingla,
Emporta vers les joncs son épingle et sa mort.

Il n'eut pas convenu que sur un litte infâme
Sa beauté s'étalât aux yeux des écossiers;
Ils ouvrit pour mourir ses quatre ailes de flammes,
Et son corps se secha dans les joncs familiers.

Chaville, mai 1870

ÉPIGRAMMES FUNÉRAIRES

Anatole France

HIPPIAS DE THARA, FILS DE LAKON

Passant, repous-toi. Cette sainte poussière
Couvre un homme pieux qui mourut à vingt ans.
Deux Éros sont gravés sur l'astèle grossière:
L'un donne et l'autre enlève aux mortels la lumière,
Mais ils sont beaux tous deux et tous deux souriants.

DAPHNÉ, FILLE D'HERMES

La chrétienne Daphné, qui le siècle a blessé,
Goutte, en l'éternité, pour elle commencé,
Le rafraîchissement de Jésus et du ciel,
Ainsi des fleurs d'absinthe elle a formé son miel.
Sa chair, qui doit un jour renaitre toute pure,
Fut placée en ce lieu par ses frères chrétiens.
Si quelque impie attend à cette sépulture
Qu'il meure le dernier des siens.



MORIN - Anatole France

dos jardineiros. Que clin-
ta, preciso que Fontaine me
caso Indignel-mi-
saber que o presente dese-
parte era uma manobra
de insigne deslealdade.
Quando, iam em bom cami-
nhos negócios. Um gru-
pelo de leitores de ferren-
e lemosas a candidatura no
Voulet.

O meu mais ardente dese-
do, disse ele em resposta, era
no estudo e no recoili-
da. Vos decidistes o contrá-
rio.

Da-me prova em acur-
das das estorçadas popu-
las que me honram com a
confiança. Na vida políti-
ca, em país há ocasiões soe-
m que a abstenção seria a
melhor. Poderis contar comigo.
Estava travada a luta; cum-
pra a identidade. Enviou-me o
Voulet a capitão do distrito,
e o secretário da redação do
"Independente" do Sena-e-
Marne, cujo redator-chefe era
o sr. Saint-Florentin.

Ao tomar o trim, disse do
meu amigo: "Possa eu ser útil
ao meu caro mestre e conhecer
as necessidades das populações
em circunscrição do Sena-e-
Marne".

Na próxima da estação, pue-
ria olhar pela janela. Por en-
tre os salgueiros serpava o rio
sua areia de prata, indo per-
das em curvas gentis, mas
sem adivinhar-se-lhe ainda
que longo tempo as sinuosida-
des do curso pelas linhas de
chuveiros que o margeavam. Uma
luz e duas torres, emergindo
no meio da verdura, assinala-
vam o lugar da cidade, cujas
casas, dentro em
pouco, eu avistava. Envolvia-a
uma paz risonha; ali estava ela,
pequena e clara, sob o céu
azul, onde leves nuvens bran-
cas se mantinham imóveis. Sua
vista aconselhava repouso e
suavidades íntimas. E, contudo, eu
ia levar para aí as discórdias
públicas.

Indicaram-me o "Indepen-
dente". Estava instalado ao pé
da estação, numa casa baixa
revestida de glicínias. Foi en-
contrar o sr. Saint-Florentin
no seu gabinete de trabalho;
escrevia, tendo-se libertado do
casaco e do colete. Era um ga-
rante, e o mais cabeludo que eu
até então, havia encontrado.
Com a barba e os cabelos mul-
to pretos, fazia a cada movi-
mento um rumor de crinas
amassadas, e exalava um chei-
ro de fera.

Não suspendeu a pena à mi-
nha chegada; suando, bulan-
do, o peito nudo, concluiu calma-
mente o seu artigo. Só então,
perguntou o que eu desejava.
Quando lhe disse que o sr. Vou-
let me havia designado para
secretário da redação, respon-
deu, enxugando a fronte:

— Perfeitamente.

Perguntou-me em que consti-
tuam as minhas funções.

— É sempre a mesma coisa,
excluiu.

Urgia confessar-lhe que eu
era de todo estranho ao jorna-
lismo. Tal confissão, longe de
me prejudicar no seu conceito,
como eu receava, inspirou-lhe
espontânea benevolência para
contigo. Sorriu, estendeu-me a
mão e convidou-me a jantar,
a cada dia, em sua casa, em ta-
mília. Deu-me o endereço e
acrescentou:

— Ao entrar, pergunte pelo
sr. Planchonnet; é o meu ver-
dadeiro nome. Fora deste gabi-
nete, não há mais Saint-Flo-
rentin, e sim Planchonnet!

Tentei várias vezes fazê-lo
falar da candidatura do sr. Vou-
let, a qual muito me interessa-
va. Ele, porém, mostrou-se in-
diferente pelo assunto.

Não era entretanto o seu ar-
tigo que li nessa mesma tarde.
Que fogio! Servia-lhe de tema o
estandarte oferecido pelo can-
didato oficial à irmandade dos
jardineiros. Com que calor se
indignava o meu redator-chefe

contra os presentes corrupto-
res! Passava alternativamente
da cólera à ironia, visando di-
retamente o conde Morin. Des-
crevia-o terrível, cheio de astú-
cia, pífido, entregando-se a
manobras tenebrosas, desenvol-
vendo na luta uma energia im-
placável, uma atividade surda
— o gênio da ambição e do fa-
natismo.

— Enfim, disse comigo ao do-
brar o jornal, é muito melhor
conhecer a gente o seu adver-
sário!

Como tinha ainda uma hora,
antes de ir à casa do meu red-
tor-chefe, fui espalhar num
bosquequenho situado a duzentos
metros da cidade. Era um gru-
po semi-selvagem de carpas,
bordos, fransos, lilas, e lilases,
— um ramalhete bafejado pela
brisa. Pareceu-me encantador.

Concebi logo a amá-lo, prome-
tendo a mim mesmo conhe-
lo, árvore por árvore, descobri-
lhe as mais húmides plantas,
coronilhas e saxifragas, ver se
o "sêlo-de-Salomão" ali cresce-
ria à sombra das mais grossas
árvores. Havia-o já percorrido
em várias direções, quando se
me deparou um velho sentado
num banco, onde depusera o
chapéu, as luvas, o lenço e al-
guns frascos de remédio. Tinha

o rosto longo e pálido, o crâ-
nio estreito com algumas ma-
deixas grisalhas, os olhos me-
lancólicos, a boca decaída. Pen-
da-lhe das mãos uma corda de
saltar. Contemplava atenta-
mente uma menina de cinco
anos que se entrelinha em es-
petar pequeninos ramos na
areia de um arroio estanque. A
criança cujo vestido era guar-
necido de rendas, erguia de
quando em quando para ele
seus grandes olhos, rodeados
de um círculo amarelado. Era alva
e franzina. Ao concluir seu jar-
dinzinho, sorriu, num sorriso,
os lábios pálidos. Vi então que
o velho, voltando o rosto enxu-
gava uma lágrima que lhe des-
cendia pela face. Oculi-me
para observar mais atentamen-
te, e verifiquei que era antes
um enfermo que um ancião.

Trajava com elegância, mas os
movimentos eram desajeitados
e penosos; sem dúvida, a para-
lisa tolhera-lhe os membros e
adormecera-lhe na alma tudo
que não fosse o amor da doen-
tinha que brincava na areia ao
lado dele.

Esse encontro, que nada ti-
nha de extraordinário, deixou-
me dolorosa e profunda lem-
brança. A expressão desse se-
melhante, trístico e sofrido, en-
sinava-me a inanidade de nos-
sas querelas e ambições ante o
destino. Esse homem, dizia eu
comigo, não se envolve em nos-
sas contendas, não se preocupa
absolutamente de elições, e
carpa a nossa pequenina mi-
séria pelo favor terrível da
dor, que o coloca acima de nós
outros.

Estas reflexões conduziram-
me à casa do meu redator-
chefe. Encontrei-o na sala de
visitas com dois ou três filhos
nos joelhos e outros pelos om-
bros. Tinha-os até nos bolsos.
Chamavam-lhe todos "papai".
Chamavam-lhe todas "mamã".
Não era já o mesmo homem; traja-
va uma sobrecasaca nova, ca-
misia branca e rendecia a al-
fazema; mas o que o tornava
irreconhecível era o seu ar de
bondade e contentamento. A
sala, cheia de flores, era alegre
como ele.

Estendui-me a mão enorme
e macia.

Entrou uma senhora, clara e
magra, algo já passada, mas
arrepálica, de cabelos louro-pá-
lidos, olhos de pervinga, e gra-
ciosa, apesar do talhe defor-
maço.

— Apresento-lhe a senhora
Planchonnet, disse-me ele.

Parecia ter orgulho da espo-
sa, e, realmente, era um gosto
vê-la; eu não poderia nunca
imaginar que um homem como
o meu redator-chefe pudesse

apresentar, por sua esposa, tão
encantadora pessoa.

Encantou-me a sua "toilette";
clara e leve, — e tudo quanto
posso dizer-vos. Nessa tempe-
não sabia ainda analisar a "toi-
lette" de uma dama, nem se-
quer distingui-la bem nitida-
mente da pessoa. Sei-o agora,
e é uma ciência a que não devo
nenhum prazer. A senhora
Planchonnet derramava o seu
encanto por tudo que a cercava;
a ordem do seu espírito e a
graça de suas idéias se reflec-
tiam por toda a casa. Não que
esta fosse bonita por si mesma,
com o soalho de ladrilhos vul-
gares e as traves enormes do
tecto; nem era ricamente mobi-
liada. Aliás, o luxo e abundân-
cia de móveis não se harmoni-
zavam com a vida errante de
um jornalista como o meu re-
dator-chefe. Mas as tapeçarias
bem ordenadas, trabalhos de
agulha habilmente arranjados,
algumas falanças pintadas, fo-
lhagens, flores, tudo isso recree-
va delicada e espiritualmente os
olhos. As crianças (vi que não
passavam de cinco) eram ro-
bustas, desconfiadas, de boas
cores, quase bonitas; as pernas
e os braços nús formavam à
roda do pai um emaranhado de
magníficas carnes rosas, dori-
radas de fina penugem; enca-
ravam-se todas, a um tempo,
sincronicamente, com olhos fa-
rosos. A mãe desculpa-se da
impolidez dos filhos.

— Estariam sempre em mu-
danças, de um andar para ou-
tro, e es não tem tempo de
conhecer ninguém; são uns bi-
chinhos do mato. Não sabem
nada... É como podem apre-
nder alguma coisa se mudam de
colégio de seis em seis meses?
Honrique, o mais velho, já fez
onze anos, e não sabe uma pa-
lavra do catecismo; nem sei até
como poderá fazer a primeira
comunhão. Dê-me o seu braço.

Uma rapariga aldea, de quem
a senhora Planchonnet não
desviava os olhos, trazia pra-
tos e mais pratos, copos e aves,
que o nosso anfitrião, com o
guardanapo por baixo do quei-
xo, o gorro de três pontas em
uma das mãos e na outra a
faca de cabo de pé de corça,
fazia colocar diante de si, mos-
trando todos os dentes e revir-
tando o branco dos olhos por
entre as peles do rosto.

As narinas entumesciam-se-
lhe ao cheiro das viandas. Com
os braços em arco, trinchava
com habilidade as carnes bran-
cas ou pretas, servia ele mesmo
fartamente os filhos, o hóspe-
de e a esposa, demonstrando
imenso prazer pelos manjares.
Tinha um ar terrível, feliz e bo-
nacheiro. Dizia com riso mede-
nho coisas inocentes. Era, po-
rém, no servir os vinhos, que
estadueva toda a sua cordiali-
dade de papão ingénuo. Com os
braços enormes, apanhava pelo
gargalo, sem se abaixar, uma
das garrafas depositadas a seus
pés, enchia até às bordas o copo
da mulher, que recusava em
vão, os dos filhos, que já tor-
cavam com as carinhas
dentro dos pratos, e a mim tam-
bém, desgracado, que sorvia,
sem saborear, os vinhos tintos,
rosados ou brancos, ambreados
ou dourados, cuja idade e pro-
cedência ele proclamava ale-
gramente. Evasiávamos assim
não sei quantas garrafas diver-
samente, rotuladas, após o que
— exprimi à minha hospedei-
ra os meus sentimentos nobres
e ternos: tudo o que em minha
alma havia de heróico e amoroso
vinha-me de roldão aos lá-
bios.

Tentei levar a conversação
para o sublime, mas não era
fácil mantê-la nessa altura,
porque se o meu anfitrião apro-
va de cabeça as minhas mais
transcendentes especulações,
deitava-as, entretanto, morrer,
falando-me imediatamente da
escolha, e preparo dos cogume-
los comestíveis ou de qualquer
outro assunto culinário. Possuía



Anatole France no Rio, quando, em julho de 1908, veio fazer con-
ferências no Municipal.

na cabeça um completo tratado
de cozinha e uma boa geografia
gastronômica de França. As ve-
zes contava também ditos en-
graçados aos seus pimpolhos.

A sobremaneira, descobri que eu
estava apaixonado pela senho-
ra Planchonnet. Esse amor era
tão puro e generoso que, longe
de abafá-lo em meu coração,
traduzia-o em longos olhares e
considerações filosóficas, dis-
cortando acerca da vida e da
morte. Tinha ainda muito que
dizer quando ela se levantou
para ir deitar as crianças, que,
de pernas para o ar, dormiam
profundamente nas cadeiras.

Essa partida deixou-me grave
e pensativo diante do marido,
que servia agora licores. Desejei
sutilmente que ele tivesse uma
bela alma e, para eu outra
mais bela, para que a senhora

Planchonnet fosse amada por
dois homens dignos dela. Eis
por que resolvi sondar o coração
de Planchonnet.

— É vigoroso o artigo que
escreveu hoje, denunciando as
manobras do conde Morin...

— Ab! O torpedado desta ma-
nhã!

O torpedado!... É uma expres-
são técnica e profissional, dis-
se comigo. E prossegui:

— Mas, afinal, quem é esse
conde Morin?

— Não o conheço, nunca o
vi. Dizem que é um parvo, mas
um bom homem.

E como eu denotasse surpre-
sa, acrescentou:

— Não conheço ninguém aqui.
Há três meses, estava eu ainda
em Gap. Foi aí junta Voulet que
(Continua na pág. seguinte)

Anatole France e a América Latina --

De RONALD HILTON
(University of British Columbia,
Vancouver, Canada)

Anatole France anti-nacionalista e internacionalista; Anatole France apostolo da humanidade sem distinção de raças, de nacionalidades nem de religiões: eis aqui o aspecto mais conhecido do seu gênio. Mas há outro Anatole France, em evidente contradição com o primeiro, (para os literatos, esta contradição não importa). É o Anatole France apostolo do

adamas France, já desencantado de tudo, alheio com desdém o Novo Mundo. "Ce sont des enfants, ces Argentins". Porém, aceitou finalmente, ao saber do projeto de viagem Mme. Caillavet veio à Vila Said e fez uma cena. Quería a força acompanhar Anatole France; proclamava que não podia haver dificuldades para ele, uma vez que sua "raison" era coisa pela primeira vez o Novo Mundo, a América Latina. A colônia francesa de Recife mandou ao mestre parisiense um telegrama de felicitações e uma cesta de frutas exóticas que ele não pôde ou não quis comer. Na Bahia encontrou recepção oficial e maior ambiente tropical: as duas coisas deixaram indiferente o velho obscuro. Todos os viajantes se entusiasmarão com a bela de Guanabara, no Rio de Janeiro; ele não manifestou nenhuma emoção. Veio saudá-lo a bordo uma delegação de brasileiros. France, cuja atenção era monopolizada por certa atriz raiosa e já madura, fingiu uma enfermidade grave e não quis receber a delegação. Mas teve, apesar de tudo, de se submeter à recepção que lhe preparara a Academia Brasileira de Letras. Em seu discurso, o presidente da augusta assembléia elogiou o estilo de Anatole, censurando, porém a imoralidade dos seus escritos. O mestre, hipocrita incomparável, respondeu pivoltamente. Terminou com um panegírico do Brasil: "O Brésilien! Snyer fiers de votre jeunesse, comme nous le sommes de notre vieillesse". Acusou para a república neo-portuguesa um futuro brilhante: "C'est à Rio que s'est réfugié Pallas-Athènes". Na Biblioteca, France fez algumas alusões irônicas aos insólitos que comiam as formosas encadernações. No palácio imperial, agora presidencial, onde houve um banquete, France admirou certo quadro do ex-imperador, artista e mecenas; e não chegou a compreender porque o haviam destruído. Os brasileiros reprovaram France por ter dito suas conferências na Argentina; os argentinos, afirmaram, não as selogem. Em Montevideu, o mestre não desceu a terra; as pessoas que vieram a bordo para saudá-lo, fez um discurso cheio da hipocrisia de sempre afirmando a admiração e o afeto que tinha aos uruguaios.

Certo juiz de Buenos Aires pôs sua casa à disposição de Anatole France. Escreveu-lhe, então, um grupo de socialistas militantes, dizendo que o dito juiz era um horrível reacionário, e que o mestre estava na obrigação moral de recusar o seu convite. O epíscopo, socialista diligente, não fez caso do aviso, argumentando que ia à Argentina realizar conferências literárias e não políticas. Na capital argentina, France se instalou no esplêndido palácio do juiz, que ainda mostrava vaidosamente ao hóspede os tesouros artísticos que estavam guardados ali. Brutalmente, um após outro, France afirmou que eram todos falsificados, e que o juiz e seu pai não eram senão uns trapaças ingênuos.

Quando Anatole France realizou sua primeira conferência, apenas uma única senhora veio escutá-lo, pois o arcebispo o havia anatematizado; acusava o mestre de querer difundir o ateísmo no Novo Mundo. No palácio do juiz, France instituiu a atriz que o havia acompanhado na viagem. Ela logo se comportou como se fosse a dona da casa, e convidou toda a companhia para comer ali. O juiz, que tinha fama de homo-sexual, ficou com os nervos encrescados ao ver em sua casa tantas mulheres de maneiras pouco finas, para não falar dos homens. Recusou o mestre um álbum de correspondência, e Brousson se responsabilizou a justificá-la sua letra. Os murens argentinos pareciam ao seu espírito de franceses tão espíritos como as coleções de arte do juiz. A arquitetura deste país sem pedra não era para ele sendo uma manifestação de origem internacional. Os murens, uma vez que não moravam em sua atenção, quando isso, as conferências do mestre continuavam sendo

um fracasso econômico, e a imprensa lhes fazia uma crítica bastante amarga. Outro desastre: chegou a Buenos Aires Blasco Ibáñez, que com a sua eloquência popular, provocou um entusiasmo delirante. Enquanto o francês dava um curso de conferências sérias sobre Rabelais, o espanhol discorria sobre uma incrível variedade de assuntos. O banquete que o Jockey-Club ofereceu ao mestre fracassou por duas razões: não havia mulheres, e o convidado de honra se via na obrigação de vestir fraque, coisa que o punha sempre de péssimo humor. Chegou a hora de regressar à Europa. France deixou o pobre Brousson no meio do ódio, com um bilhete de volta para outro vapor, nada mais. Felizmente, Enrique Larreta, autor de "La gloria de Don Rómulo", que lá à França veio em socorro do pobre secretário, France chegou a Paris com a sua atriz, provocando um escândalo geral e um acesso de furor de Mme. Caillavet. A comediante reinou certo tempo na Vila Said, mas France se cansou dela, e voltou com profunda satisfação à sua antiga profetoria. Foram os dois para a casa de campo dos Caillavet em Capia, que estava a pouca distância de Bordet. Nesta cidade encontraram por acaso Brousson, com sua família argentina. A Caillavet quis fazer as pazes com o secretário, mas este não podia perdoar o que lhe havia feito o literato irresponsável. Pouco depois morreu a mulher que havia levado Anatole France à celestidade.

A calínia de Brousson não ficou sem contestação. No "Hercule de France", apareceu um artigo intitulado "Anatole France et le voyage en Argentine". O autor era Pierre Calmettes, o pintor de quem Brousson havia feito uma breve referência a artista mediocre e interessado que queria se aproveitar da viagem de France para vender suas telas na Argentina. Calmettes, ao contrário, fala como se houvesse sido um íntimo do mestre durante a viagem, quase com o mesmo título que Brousson. Havia evidentemente uma rivalidade surda entre os dois. Em seu artigo, Calmettes analisa a narração de Brousson, incidente por incidente, com o objetivo de provar que ela constitui uma deturpação total da realidade, uma deturpação engenhosa e sobretudo maliciosa. Calmettes conta que o conservatório Labarden enviou como embaixadores a grande atriz Mme. Moreno e o secretário da dita organização, o poeta Juan Pablo Lehmann, para persuadir France a que fosse a Buenos Aires, onde daria no Teatro Odeon, durante o mês de junho de 1909, uma série de conferências. A parte técnica da excursão foi entregue a um especialista parisiense, M. A. Cahen. Anatole France animou Calmettes no sentido de acomodá-lo na viagem, mas Brousson se fez convidar graças a outra dupla mentira, contando aos organizadores que o mestre insistia em que seu secretário o acompanhasse, e ao mestre que o Conservatório lhe havia convidado a dar em Buenos Aires uma série de conferências sobre Jean-Jacques Rousseau. A atriz a quem Anatole France se ligou chamou-se Jean Brindeau; Calmettes fala sempre dela com muito respeito. Outro objeto da tróia de Brousson, o juiz Lapallot, que vivia num formoso palácio da Calle Andes, de Buenos Aires mereceu, segundo Calmettes, uma referência breve e honrosa. No ano seguinte — 1910 — Calmettes fez outra viagem à Argentina. France encarregou-o de levar ao juiz uma notável coleção de desenhos de grande mérito artístico e uma afetosa carta que, fora da corteia pessoal, continha frases muito carinhosas de recordação para Buenos Aires e os argentinos. A cultura entre France e Brousson teve lugar em Buenos Aires, dias antes de seu embarque; a cena do ódio, contada por Brousson, é pura invenção. Para a viagem de volta — com permanência em Montevideu, São Paulo e Rio de Janeiro, onde deu conferências sobre Augustus Comte e Pierre Lafitte — Anatole France levou Calmettes consigo como secretário. Um vapor da Companhia Mithailovich, o Vienna, levou-os a Montevideu, onde ficaram no Hotel Lanata. O vapor Orpesa, levou-os depois ao Rio, e daí a Charbourg, o Danubio, da Royal Mail Line. Ao chegar a Paris, France rompeu imediatamente com Mme. Brindeau; nem sequer desceram juntos do trem. De maneira que a história de Brousson sobre o drama triangular é pura invenção, quer dizer, uma mentira insidiosa.

Quem nos conta a verdade, Brousson ou Calmette? Brousson, sem dúvida, exagera e, pode-se dizer, deturpa certos episódios. Mas o seu retrato de Anatole France é mais humano, mais íntimo que o estava oficial de Calmettes. Seguramente conhecia melhor o mestre. Calmettes — que fala convenientemente e com detalhes precisos — dá certamente a impressão de dizer: Eu também conheci o mestre!

O curso sobre Rabelais, realizado na América Latina, ocupa as páginas 1-265 do volume XVII de suas Oeuvres complètes. É estranho que o carter arduo destas conferências haja espantado as gentes, já que não é mais do que "un cours élémentaire sur Rabelais", como confessa France na dedicatória. É sobretudo um resumo muito ameno da grande obra de Rabelais e também da sua vida. Iniciou suas conferências com uma introdução ao gênio latino da Argentina, em que falava na "Union intellectuelle des enfants de Moïse et des héritiers de Cérantès".

Nas suas conferências omitiu tudo o que em Rabelais pudesse ofender as idéias morais ou religiosas dos argentinos. Realizou um Rabelais para senhores. Assistiu a uma das conferências de Blasco Ibáñez, a quem France saudou com palavras cheias de falsa modestia, de elogios facéis que indicam um fundo de hipocrisia no mestre.

Em Montevideu e em São Paulo, France ditou uma conferência sobre Pierre Lafitte, o sucessor de Comte como chefe do positivismo, e sobre Comte mesmo, ditou outra no Rio de Janeiro. As duas tratam do positivismo. Para justificar, France alegou que esta filosofia teve um papel fundamental na vida intelectual brasileira, como o alexa o lema de seu escudo nacional Ordem e Progresso. A conferência sobre Comte começava por uns períodos eloquentes sobre o futuro do Brasil, como centro do mundo latino. "C'est là, dans un pays d'une incomparable splendeur, que par vous, Messieurs, par vous, braves sur une terre féconde et neuve, le génie latin réalisera les rêves les plus nobles et les plus beaux qu'ait jamais formés les sages de la vieille Europe noire-mère".

Os intelectuais da Argentina, do Uruguai e do Brasil difundiram frases como esta como se fossem um pão bendito. Vejamos os jornais latino-americanos daquele ano para nota. Merece ainda uma citação especial o Iloro A. M. Anatole France. Hommage de la jeunesse argentine.

Onde está a verdade? Anatole France admirava sinceramente a América Latina? Ou não?

(Continua no pág. 316)



ANATOLE FRANCE

mundo latino, que deu a um de seus livros o nome de "Le Génie latin". A expressão "mundo latino" encerra ideologias opostas: para uns significa catolicismo conservador, hierarquia tradicional; para outros — e entre estes é preciso contar Anatole France — significa bom gosto, paguismo, direito romano, ceticismo, racionalismo. Para estes, o cristianismo não é mais do que uma deformação do gênio latino, imposta pelos judeus. Há outro problema. Que representa dentro do mundo latino, e América chamada "latina"? Para uns é uma degenerescência, e para outros um novo florescimento do mundo latino. Que pensava Anatole France deste problema delicado e difícil? Nossas informações sobre este assunto resultam da viagem que fez, em 1909, à América do Sul. Desgraciadamente, porém, os documentos que temos são contraditórios.

A notícia mais completa que possuímos da viagem de Anatole France ao Novo Mundo se encontra em Jean-Jacques Brousson, "Itinéraire de Paris à Buenos Aires". Este livro — unedístico e de constituição débil — é companheiro deste outro tão conhecido, que teve um êxito escandaloso: "Anatole France en pantalons", retrato nada reverente de um velho cômico, cuja polida era o erotismo. O secretário do mestre nos conta que Anatole foi convidado a dar, em 1909, uma série de dez conferências em Buenos Aires. Os honrários seriam de quinhentos francos. Deixaram-lhe completa liberdade quanto ao tema das conferências. France acabava de publicar sua volumosa obra sobre Joana d'Arc, fruto de vinte anos de trabalhos, e para mudar de atmosfera queria começar uma obra sobre Rabelais. O cura de Meudon seria, pois, o objeto de suas conferências. O mestre, porém, não queria aceitar a oferta. Sua profetoria, Mme. de Caillavet, não queria aludir a separação.

publica e aceita. O mestre, cuja única razão ao empreender a viagem era libertar-se de sua amante, replicou que sua ideia era impossível, uma vez que aos argentinos e aos brasileiros, bons católicos, chocaria tal manifestação de imoralidade, e como passava pelo período mais agudo do seu anti-clericalismo, acrescentou, com a violência que lhe empresta sempre Brousson: "Ce sont des brutes! Ce sont des sauvages! Ils s'en tiennent au catholicisme".

Mme. Caillavet não se deixou persuadir e teve uma crise nervosa. Quando Anatole France recebeu os representantes da imprensa deu como motivo de sua viagem, em primeiro lugar, a sua curiosidade de conhecer a América latina e sua admiração pelas argentinas, as mais belas mulheres que havia visto.



Analele France na Academia Brasileira, entre Ruy Barbosa e Afonso Celso. Na fotografia vêem-se também Silva Ramos, José Paulo de Luria de Mendonça, Filinto de Almeida (sentados); Guilherme de Sousa, Mário de Almeida, Sousa Bandeira, Jacquini, Medeiros e Albuquerque. Rodrigo Otávio (de pé).

Diálogo do Sr. Bergeret na América - Tristão da Cunha

Nos jardins da Beira-Mar. Crepusculo. Saem os deuses nortios e conversam, e dizem, na brisa do lago:

1.ª SOMBRA

O Mestre anda anore as águas...

2.ª SOMBRA

Vai à Argentina. Conhecerá o Demos, como o professor Ferrero...

1.ª SOMBRA

Argentina... Rio da Prata... Nomes cantantes e someros, fazem pensar no Dinheiro...

2.ª SOMBRA

Que tem o dinheiro?

1.ª SOMBRA

O Dinheiro é um deus moderno e magnifico, embora andasse muito tempo desacreditado.

2.ª SOMBRA

Estais lirico!

1.ª SOMBRA

Eu gosto da força.

2.ª SOMBRA

Eu não gosto de snobs.

1.ª SOMBRA

O snob é uma utilidade. O ridiculo do individuo pôde ser uma virtude nacional. A nação é como a especie; vive muita vez do mal feito ao individuo, lá o dizem os físicos. Os povos começam tomando a cultura o que podem. Primeiro os gestos. E a força de repetirem os gestos dela, acabam por ter a ilusão do seu espirito, e vão se aficando a imagem que se criaram, e chegam a acabar identicos a ela. Vêde os norte-americanos. Faltam-lhes graças. Mas não têm hesitação, e é certo que já fizeram alguma coisa que parece nova sob o sol...

2.ª SOMBRA

Os sky-scrapers...

1.ª SOMBRA

A organização da vida à maneira do seu tempo, sem demoras de tradição, que neles seriam artificiais. Mas que laia de sky-scrapers? Não fui vê-los diretamente lá, mas há dias encontrei uma estampa moderna, que mostrava um grupo desses edificios surgindo entre nuvens, olhados de baixo e de longe pelos pigmeus humanos. E tive como uma visão suggestiva de campanários medievais em ponto ciclopico.

2.ª SOMBRA

Quanto otimismo!

1.ª SOMBRA

São seguranças de quem está morto. O pessimismo não será tanta vez uma attitude de prudência?

2.ª SOMBRA

Mas que pode a América mostrar a um grego?

1.ª SOMBRA

Tanta cousa bela e nova há por aí...

2.ª SOMBRA

Que esconderão com certeza, para mostrar o que não têm, ou o que não deviam mostrar. Ele não espera a Acrópole, mas gostaria de ver homens enérgicos e precisos, resolutos na acção e dominando a vida, que lhe lembrassem o velho Cadmus. Vera electores verbosos e literatos doutriniários...

1.ª SOMBRA

São entes divertidos...

2.ª SOMBRA

... E verá a caricatura das cidades européias, com seus defeitos piedosamente copiados e sem os seus encantos inimitáveis.

1.ª SOMBRA

Mas quem nos diz que não irá ver a nossa vida curiosa e os nossos homens vivos? A paisagem, o campo e a floresta, as sombras úmidas e o sol imenso, e as ruínas do passado colonial, podem dar arrepios novos a nervos desabusados. Vêde as velhas cidades de Minas, os campos onde reinou o ouro e os homens foram opulentos e trágicos, e onde hoje, exaustos, ainda sonham com o ouro num cismar meio religioso de saudade e de misteriosa esperança...

2.ª SOMBRA

Ficais certo de que não verá nada disso. Antes lhe farão ser a curiosa Constituição da República

1.ª SOMBRA

... E há ainda os velhos ritos do homem da terra, isolado com um grupo de outros homens; a antiga dignidade patriarcal, a sagrada hospitalidade... Há a fazenda, a um tempo feudal e bíblica, e os laços familiares do senhor e do servo.

2.ª SOMBRA

Nada disso verá! Mostrar-lhe-ão a Avenida Central, com Rio, 1909.

seus passeios hortícolas, seus horrores de arquitetura, e os postes de luz eléctrica obtidos num concurso de tem... E a Caixa de Conversão com aquelas columnas suspensas no ar...

1.ª SOMBRA

Há o Passeio Público...

2.ª SOMBRA

E no Passeio Público um ignobil barracão bastante para corrigir toda a beleza da paisagem. Há a supressão da batucada do Rocio, que era uma das harmonias do jardim, e logo vira a do gradil do Campo de Sant'Ana...

1.ª SOMBRA

Sombra irritada, apesar dos homens, este é um país de grande horizonte e clima generoso...

2.ª SOMBRA

Facurecido pelas nuvens da declamação teórica, fraseologia, sentimentalismo, e uma infinita madraçaria verbosa.

1.ª SOMBRA

Não lhe faltam espiritos lúcidos que entendam a glória da natureza e a beleza da lula, e a um tempo a mocidade oferecida e o perfume embragador da terra fecunda — de que se alimentam fortis obras e sonhos harmoniosos.

2.ª SOMBRA

Sim, mas passam despercebidos, não menos que a vossa sombra divina que ninguém vê.

1.ª SOMBRA

E' certo que são poucos e não fazem escola. Mas é já alguma coisa poder mostrar um punhado quasi heroico, os artistas desinteressados, os os que chegaram a realizar a vida em beleza, e vão notando o sonho que vivem.

2.ª SOMBRA

Quantos?

1.ª SOMBRA

Que importa? Vêde, há o sr. Nabuco, filho pródigo de Renan, que ainda não tornou, a casa paterna. O sr. Mario de Alencar é agudo e elegante. O sr. João Ribeiro sabe as subtilidades da palavra... E a presidi-los, aquele fantasma gracioso e doce que já anda no Inferno a conversar com Virgílio, seu irmão e irmão do viajante.

2.ª SOMBRA

Pois não verá nenhum destes. Topará homens afirmativos que lhe pedirão contas das suas profecias municipaes, gabarão o socialista e discutirão sobre moral.

1.ª SOMBRA

Mas haverá um que sorria em silêncio, e o seu silêncio significaria coisas grandes, cose grande.

2.ª SOMBRA

E muitas coisas serão ditas, e muitas outras esquecidas...

1.ª SOMBRA

E neste jogo do silêncio e das palavras veras que a América sabe receber os deuses e os netos dos deuses.

2.ª SOMBRA

Reabrirão a questão Dreyfus, exigirão conclusões e certezas. E o fantasma alado fugirá.

1.ª SOMBRA

O fantasma estará presente. E falará neles da graça e da harmonia do mundo, que notou e celebrou com voz tão clara.

2.ª SOMBRA

O louvor será enorme. Do viajante dirão, como já disseram, que é um criador de homens, como Flaubert...

1.ª SOMBRA

Talvez não digam nada, e alguns saberão calados que parasso lhe falta o dom da vida; mas que, num jardim bem seu, foi um artista incomparavel, um mago engenhoso e divino, que, para divertir e ensinar a criança humana, atrás dos seus boncos filosóficos, múltiplos e contrários, conta-nos sorrindo todo o mal e todo o desejo da terra.

2.ª SOMBRA

Elogio que lhe façam será excessivo. E como nem todos pensam o mesmo de tudo, as reservas virão a campo. Brigarão com ele. Estes homens novos não conversam nunca, disputam. Não procuram pontos de accordo, mas de afirmação oposta; e armam de tudo uma pendência.

1.ª SOMBRA

Ele saberá ouvir sorrindo e falará aos que entendem, e sabem calar e duvidar.

2.ª SOMBRA

Veres que lhe chamam doutor Anatels...

1.ª SOMBRA

Não sois sério, Adeus.

Bibliografia de

(Continuação da pág. 303)

- 41 — "L'Annuaire d'Amérique" — Calman-Lévy — 1909.
- 42 — "Clio" — Calman-Lévy — 1909.
- 43 — "Jean Guttenberg" — Pelletan — 1909.
- 44 — "Villes et parsons de la Ville et des Champs" — Hachette — 1909.
- 45 — "M. Bergeret à Paris" — Calman-Lévy — 1901.
- 46 — "Le Procuralur de la Ville" — Calman-Lévy — 1903.
- 47 — "Maitre de Lury" — Calman-Lévy — 1903.
- 48 — "Mémoires d'un Vainqueur" — Calman-Lévy — 1903.
- 49 — "L'Affaire Crainquebille" — Pelletan — 1901.
- 50 — "Opinions Sociales" — I. I. et H. Société Nouvelle de Librairie et d'Éditions — 1901.
- 51 — "Histoire Comique" — Calman-Lévy — 1903.
- 52 — "Crainquebille" — Pelletan — 1901.
- 53 — "Sur la Pierre blanche" — Calman-Lévy — 1903.
- 54 — "Un chapitre inédit de la vie de M. Bergeret" — Calman-Lévy — 1903.
- 55 — "Crainquebille, Puits, Riquet et autres récits profanes" — Calman-Lévy — 1901.
- 56 — "A la Luminée" — 1901.
- 57 — "Le Parti Noir" — Société Nouvelle de Librairie et d'Éditions — 1901.
- 58 — "L'Eglise et la République" — Pelletan — 1903.
- 59 — "Le joueur de Notre Dame" — Pelletan — 1903.
- 60 — "Sainte Euphrasie" — 1903.
- 61 — "Pour le Proletariat" — 1903.
- 62 — "La Vie de Jeanne d'Arc" — Dois volumes — Calman-Lévy — 1903.
- 63 — "Vers les Temps modernes" — Pelletan — 1903.
- 64 — "L'île des Pingouins" — Calman-Lévy — 1903.
- 65 — "Les Contes de Jacques Tournebrouche" — Calman-Lévy — 1903.
- 66 — "Suzette Labrousse" — Calman-Lévy — 1903.
- 67 — "La Comédie de l'été qui épouse une femme morte" — 1903.
- 68 — "Dialogues aux enfers" — Calman-Lévy — 1903.
- 69 — "Les Sept femmes de la Barbe-Bleue et autres Contes merveilleux" — Calman-Lévy — 1909.
- 70 — "Aux Etudiants" — 1903.
- 71 — "Les Poèmes du Souvenir" — Pelletan — 1903.
- 72 — "La Caution" — 1903.
- 73 — "Les Dieux ont soli" — Calman-Lévy — 1903.
- 74 — "Le Génie Latin" — Lemerre — 1903.
- 75 — "La Revolte des Anges" — Calman-Lévy — 1903.
- 76 — "Sur la Voie glorieuse" — Champron — 1903.
- 77 — "Ce qui disent nos morts" — Heliou — 1903.
- 78 — "Le Petit Pierre" — Calman-Lévy — 1903.
- 79 — "La Grèce et la Paix" — 1903.
- 80 — "Stendhal" — Les Annales d'Edmond — 1903.
- 81 — "Marguerite" — Anvers Coq — 1903.
- 82 — "Le Comte Morin" — Mornay — 1903.
- 83 — "La Vie en Fleur" — Calman-Lévy — 1903.
- 84 — "Dernières pages inédites d'Anatole France" — bises par Michel Cordot — Calman-Lévy — 1903.
- 85 — "Les Autels de la Paix" — à Paris, 1903.
- 86 — "Le Manéquin d'Or" — Calman-Lévy — 1903.
- 87 — "Obras Completas" — Calman-Lévy — 1903.
- 88 — "Rabelais, Anatole Comte, Pierre Lafitte" — 1903.
- 89 — "Obras Completas" — Calman-Lévy — 1903.
- 90 — "Rabelais" — Calman-Lévy — 1903.
- 91 — "Trois Comedies" — Calman-Lévy — 1903.
- 92 — "Pages d'Histoire et de Littérature" — Contendo introduções e prefácios para varias edições de diferentes autores franceses e estrangeiros — Publicação pela primeira vez unida — T. XXIV das "Obras Completas" — Calman-Lévy — 1903.

A P O E S I A D E

HELENICA

A UMA SERGIPANA

Fui de um mármore estranho, cur de rosa,
Que moldaram tua croupa, formosura,
Nesta linha impecável, luminosa,
De feito mais divino da escultura...

Se Da Vinci te visse a graça atrosa,
Este sorriso em que o fulgor se apura,
Sentiria a ventura dolorosa
De achar Gioconda mais perfeita e pura!

Sou também grego no meu sonho de arte
E na cítara de ouro me preparo
Para em salmos de amor, glorificar-te!

Vibra em cada estrofe do meu verso
Tal o fascínio do teu riso claro,
Última doura errante no Universo...

CARNE!

Se a desgraça do Universo inteiro!
Se o pó, se a lama, se a matéria,
Que se compra com o brilho do dinheiro,
— A síntese do mal e da miséria!

A humanidade toda considere-a
Uma ilusão! mas o perfume, o cheiro,
Vai corrompendo toda a gente séria,
Perdem-se os homens no despendelêdo.

Carne! ex a honra desfeita num searedo!
Se o desejo do homem louco, ardente...
Se a mulher gelada pelo medo!

Tu foste Messalina corrompida!
E cada vez mais negra, infame, errante,
Se a vida de toda a nossa vida!

A MAÇA

Afirma a tradição, sempre notória,
Afirmar a Bíblia, afirma toda gente,
Que Adão perdeu o céu, a eterna glória,
Por haver na maçã mandado a dente...

Morreu... Morreu com fúria meritória,
— Arrastado a denodo ninguém mente —
Mas que enguliu, e falso, é pura "história",
Pois enganou-se descaradamente...

E eis aí o pó, com um protesto,
Do engano dando a prova, se a quiseres,
Dando a prova que Adão não comeu resto!

Eva sim que comeu, como "uma arada"
E indignou-se... Por isso é que as mulheres
Ficam, às vezes, de barriga inchada!

PELO DIA DOS MEUS ANOS

Fui, bacharel, caudilho e humorista,
Por vinte e sete anos — grande honra! —
Que me achava nos braços da parteira
A fazer um berceiro... futurista!

Imagina que cara chocadeira
Eu cabava colossal se avista,
Destinada, talvez, a alta conquista,
Nesta famosa terra brasileira.

E deram-me ázua de chovalho e certo,
Como formosa sábia e meritória,
Para eu ficar desencapado e esperto...

Veio daí a esplêndida extensoria
Com que praguei, chibalei... no deserto
Nesta minha mania de oratória...

II

Cabeça colossal, graça de um bino,
Com todo amor, celebra-te em meu verso...
— Só seiva exêrdua no Universo,
Pela cabeça heróica do Paulino...

Mão grande todo cabreço teu dispoço,
Mão grande teu trabalho peregrino,
Nenhum sucesso, mesmo pequenino,
Na dilação do subit deixou-me insofrito!

Ohi vadeitua trágica de um dia!
Bom que disse a parteira, com certeza,
— "Doutor" ou "Conde!" e que eu seria...

E eis enfim, o que sou, nesta irreversita:
— Uma chama de anseio e de alegria,
Coruscando, a procura da beleza...

Eu que sempre vivi cantando amor, rebusca,
Sem ter jamais sentido o fogo da paixão,
Deposito em teus pés, nestes versos agora,
A frêir e a vibrar, meu pobre coração!

Novo Acrês, a minha alma um segredo deves
Não te posso dizer, oscilando-te a mão,
Que desejo posuir a tua alma sonora,
Onde eu sinto a mais pura e maior perfeição!

Ao ver-te, em teu olhar, nevado e puro, hãhã,
Todo o brilho do luar... e ao teu vulto escuro,
Contemplar — sonhador — uma bela Jádã!

E nem sabes, talvez, que palpito por ti...
— Mas na mão que apertaste era o feto humano,
Que podias prever a emoção que senti...

Fevereiro, 1916.

AMOR

Velha tema é, talvez, o mais profundo e sério
Dos mistérios da vida, estudados no mundo,
— Desde a melhor palácio ao menor convento
Em tudo andou a amar com seu poder profundo!

Nada pode explicar o seu imenso império...
Navegam a salvação até que moribundo,
No supremo extêr, num sorriso fúnebre,
Inda nos vem o amor, infinito e fecundo!

Glória lhe seja, pois, pelos seus bens trabalhos,
Por contrastes (até que na causada do feto)
Milagres, amáveis, suplicios, esplendores...

Seja a força maior que vos dama e detém
Em seu poder também o velho amor encerra
A gente infeliz da agonia e do crânio!

1916

O OPERÁRIO

A LOURIVAL FONTES

As vezes ficas a olhar, triste e solitário,
A miséria sem par dos homens potencialis,
Exigido de mais dos braços do operário
Desapiedadamente e em vão martirizado!

E esse gesto banal, estúpido e arbitrário,
Vai se impondo ao luar de parcos ordenados,
E campeia porque o infimo salário
Mata a fome de pão dos pobres desgraçados!

E soluço de dor ante a miséria humana!
O operário, esta fonte imensa do progresso
Leva a vida infeliz numa luta tirana!

E a civilização, aumenta-lhe a agonia...
E o trabalho a crescer num desvalhado exército
Torna-se a lei fatal que o destino lhe guia!

VERSOS A MEU PAI

Meu pai: prometo trabalhar na vida,
Sempre sincero e destemido e puro!
Quero sentir minha alma dolorida,
Lutando, com vigor pelo futuro!

— Hei de ter aos meus pés morte, abatida,
A inveja criminosa, pois me apuro,
Para levar, sem que jamais transgrida,
O meu lenho ao Calvário que procuro!

Procuro-o cheio desta coerência,
Que me enasista, com exemplo vivo,
Para purificar minha existência!

Eu juro ser verdade e verso meu:
— Como vos hei de ser honesto e ativo,
Feitos conselhos que mamãe me deu...



MAVIAEL DO PRADO

NOTA SOBRE MAVIAEL DO PRADO

Mavíael do Prado Sampaio era filho do bacharel Joaquim do Prado Leite Sampaio e D. Ester da Silva Rego Sampaio. Nasceu no Porto da Folha, em 14 de março de 1897.

Faltas as primeiras letras, seguiu para o Recife em agosto de 1911, para tentar a vida comercial; depois, desistido das atividades comerciais, voltou aos estudos. Matriculou-se em 1911 na Faculdade de Direito do Recife, e ali recebeu o grau de bacharel em ciências jurídicas e sociais em 19 de dezembro de 1919. Foi o orador eleito de sua turma.

Foi a princípio revisor e depois redator do "Jornal do Recife". Foi proprietário do jornal "A Rua", de Pernambuco; colaborou em quasi todos os jornais de Recife e Sergipe. Ocupou o lugar de secretário da Biblioteca Pública de Pernambuco. Foi advogado de nota em todo o Estado. Foi deputado estadual e depois "leader" do governo Estácio Coimbra.

BIBLIOGRAFIA DE MAVIAEL DO PRADO

O MOMENTO ECONOMICO. No "Estado de Sergipe", de 16 de setembro de 1917.

NOÇÃO DO DIREITO. Conferência proferida no dia 22 de junho de 1918 na Faculdade de Direito do Recife. No "Jornal do Recife", transcrito no "Correio de Aracaju", de 13 e 14 de julho seguinte. DISCURSO pronunciado a 10 de dezembro de 1919 em seguida à colação de grau aos bacharéis. Lido de 1919 pelo orador eleito da turma. No "Jornal do Recife", do dia seguinte.

O ÚLTIMO REPOUSO. No "Jornal do Povo", de 3 de novembro de 1920. Refer-se à exumação dos ossos de Tobias Barreto, transportados do cemitério do Recife para o de Aracaju.

50 CONTOS POR 35000. Livro de contos em verso de colaboração com Alceu Barbosa. Pernambuco, 1921, 135 pags.

Esaristo Maia, editor.

A POESIA DE MANUEL DO PRADO

VINTE E UM ANOS!

Crepúsculo... Tristíssima agonia
Dos meus dias que passam, que se vão...
Nenhum esforço mais me salvaria
Mocidade em declínio, atenção:

— Que fiz na vida inhospita e sombria?
— Que memórias meus dias me darão?
— Que vitória, que feita me alimias?
— Que venturas me deste, coração?...

— Nada. Somente a dor de ter amado
No meu culto nervoso de beleza
Fec-me feliz e fec-me desgraçado!

Exausto e exangue, cavei-me a chorar...
Quedo-me triste... e vejo, de surpresa,
A minha mocidade declinar!...



MAVIAEL DO PRADO

A MINHA FILHA ELEONORA

O ABSINTO

(Sem a vida Romana)

Em maio de março que nasceste
Quando os deuses para mimpy choravam
Quando a primeira lágrima verteste
Quando a tua o signo atroz fleavast...

Quando a tua na mesma fase ignava
Foste o horror de um signo deste,
Quando a tua filha, sinto que a alma brava
Foste o excesso comovente...

Quando o Augur primeiro que te avisast
Foste a dor, forte, camuflada,
Quando a persistência uma divast!

Quando, tanto mais quanto puderes
Foste a honesta, filha minha,
Quando a tua é a grande glória das mulheres...

A MINHA FILHA ELEONORA

(COM DOIS MESES)

Quando te vejo chorando, minha filha,
Quando de a tua pena e viva magna,
Quando os meus profundos olhos raze água,
Quando o teu ser da tua dor partilha!

Quando a tua dor! No peito afago-a
Quando se a tua e não te humilha...
Quando de bem estar teu rosto brilha
Quando a tua feliz de fraga em fraga...

Quando os olhos nos teus, em prece pura;
Quando que a tua e clamorosa guerra,
Quando a tua filha de ventura!

Quando a tua, Senhor do graça infinito;
Quando eu chorar que já surti na terra,
Quando a tua filha não surti ainda...

IDOS DE MARÇO

Quando os idos de março são chegados,
Quando o signo triste que domina: ohe-ol!
Quando o Augur repisava, em tons magoados,
Quando o César seguiu ao Capitólio,

Quando por desdém dos males avisados,
Quando a coragem fazendo monopólio,
Quando a tua e golpes revoltados
Quando a Roma a guerra com espólio...

Quando de março: — Sois na minha vida
Quando um sinistro agouro que perdura
Quando um corvo feroz que me intimida

Quando de ti me quisso, o sorte escura,
Quando a tua ansia de glória fementida
Quando horas de abandono e de amargura,

A MINHA FILHA ELEONORA

(COM SEIS MESES)

Quando a tua, — E este teu riso encerra,
Quando a tua filha, rochonehada e linca,
Quando a felicidade que não flinda,
Quando a tua ventura sobre a terra...

Quando a tua, — E este teu riso encerra,
Quando a tua filha, rochonehada e linca,
Quando a felicidade que não flinda,
Quando a tua ventura sobre a terra...

Quando a tua, — E este teu riso encerra,
Quando a tua filha, rochonehada e linca,
Quando a felicidade que não flinda,
Quando a tua ventura sobre a terra...

Quando a tua, — E este teu riso encerra,
Quando a tua filha, rochonehada e linca,
Quando a felicidade que não flinda,
Quando a tua ventura sobre a terra...

*Palácio de Palatino. Ano 167.
Antes de Cristo. Num dos salões
do palácio, Paulo Emilio, general
romano, vencedor da batalha de
Pydna e Emmeralda, cortezá real,
se declararam mutuamente amor.*

PAULO EMILIO:

Senhora! aos vossos pés, cheio de amor e susto,
Eu general de Roma e súdito de Augusto,
Venho, humilde, rojar-me, implorando uma amola...
— Meu próprio coração serve aqui de xarola!
Depois das sensações de mil lutas sangrentas,
Impassível na dor, sereno nas tormentas,
Venho agora buscar um consolo aos meus olhos...
— Dentro do peito há, nos últimos refolhos,
Atreção sem cessar, como em pia sagrada,
Uma doce paixão fulminante e agitada,
Vosso corpo imortal de cortezá me inspira...
— Se eu soubesse empunhar, como artista, uma lira,
Que epênio de amor, coruscante e fremente,
Não tristes de ouvir, embevecidamente,
Exaltando o perfume eviado da voz,
Entristecido o destino, amargurado e airoz,
Deixar-me, em vez dessa lira, uma espada de bravo.
Quem vem pois, arrojarse aos vossos pés escravo,
Sintetisa o esplendor da alta bravura humana.
Rejoice dentro em mim a velha fé romana!
Desde o feito imortal das grandes guerras púnicas
Roma seguiu, a seguir, no prestígio das toulas,
A mais alta expressão de domínio e bravura.
Quem, contudo, essa glória, esplêndida, assegura
Sonos não, general, de alma indomita e forte
Que, em façanhas fatais enfrentamos a morte,
Sem um temor sequer, da horrorosa cruzada...
— Tapando aos vossos pés a minha heróica espada!
No evoca o esplendor de famosas vitórias,
Brilhando à luz do sol, cintilante de glórias,
Fulmando à luz do luar, em chispação radiosa.

ESMERALDA:

General! ergo aos vossos pés as minhas mãos de rose
E embebida do amor que a vossa voz murmura,
Cheia de exaltação pela vossa bravura,
Devo-vos confessar este afeto perfeito,
Que me vinha ravando o coração e o peito,
Desde a primeira vez que aos meus olhos surgistes...
— Muitas vezes chorei, em longas horas tristes,
Supondo não beijar jamais a vossa boca!
E, por assim supor, desesperada e louca,
Implorava aos céus, na dor que me afligia
O milagre sem par, da vossa simpatia...
E gemia de dor por ser tão miserável,
Desajando curar este mal inetrável,
Porque o amor, afinal, não se busca ou oferece,
Se é legítimo e não, por si mesmo aparece!
— Já que alcança porém, o meu supremo anelo
Posso bem declarar que por vós me desvelo,
Repleto o coração de afeto verdadeiro...

PAULO EMILIO:

Abrindo os braços bons, dai-me o beijo primeiro!
— Na luz do vosso olhar, o meu olhar se escalda,
Beija-me, doce amor! Emmeralda! Emmeralda!...

A EXALTAÇÃO

PAULO EMILIO:

Basta de tanto amor de carícias tão quentes!
Tenho no corpo todo a marca dos teus dentes
E mordido por ti de volúpia me inflamo...

ESMERALDA:

Embraga-te de mim, que na verdade, eu te amo!
Mais amor, Paulo Emilio! Emmeralda te implora
Quero reanudar Alexandria agora!
Une teu corpo ao meu que seremos felizes
E excedendo, em delírio a volúpia de Chrysis,
Como deus pagá glorioso e pecado.

PAULO EMILIO:

Emmeralda, por Zeus! que eu me sinto encaado!
Nos recontros fatais, em que a sangue espaldosa,
Defendendo o valor desta pátria romana
O canaço jamais me deixou na vanguarda.
— Um soldado de Roma há de morrer na rua da! —
Mas nas lutas de amor que contigo hei travado,
Desfraldando a bandeira imortal do prado,
Luta rude e revel, de que sinto os resabios,
Nas denladas sem dó que me deixas nos labios,
Na grande prostração de todo o corpo exangue,
Vendo nos braços nus manchas rubras de sangue,
Emmeralda, eu confesso, é preciso ser justo.
Tú podes muito mais que os generais de Augusto!

ESMERALDA:

Não calcultas, o bem que o meu corpo arreple,
Sou a taça de amor derramando ambrosia,
E erguida num festim, prendido por Venus!
— Tens a taça nas mãos! Exgota a taça ao momento!
Na grande exaltação que os meus nervos enliva,
Como um raio de luz a correr para a breva,
Como as águas do Tibre a correr para o mar,
Em sensações brutais como jamais senti,
Corre-me o corpo todo um desejo de ti...

PAULO EMILIO:

Basta de exaltação! por piedade eu recuso!
Junto do corpo teu perpetuamente lúo,
Entregue à tua do amor, sem temer os cochilos,
— Não pôde haver mulher que te exceda em amor!
— Cada vez te amo mais porque sempre te amo mais!
Da galera do amor destraldemos a vela
Rumando a Promissão que a volúpia faculta
E onde o Baccho imortal, todo lascivo, exalta
No sonoro festim dos fumes e bachtos,
Em coites sensuais, entratemos triunfantes,
Excedendo em calor os sátiros em furia...
E nesta bacanal de beleza e luxúria,
Como artista que sou, vou mostrar-te a platéia
Mais ruidosa, talvez, do que a grande Phrynia,
Mais divina e fatal do que a formosa Helena...

ESMERALDA:

Ao som da tua voz minh'alma se envenena...
Minha carne, a vibrar de sensações, se escalda,
Continua a falar! Satisfaz Emmeralda!

PAULO EMILIO:

Se derrotei Persen, sem sentir embaraço,
Tive, enfim, de tomba, vencida, nos teus braços,
Festa desta prisão que só me dá ventura!
— Pode mais do que tudo a tua formosura...
O recorte sensual de teu nariz encerra
A maior expressão de volúpia na terra!
Os teus olhos fatais são coriscos divinos
Chispando, sem cessar, nos corações latinos!
E dão-me os braços teus a tremenda impressão
De uma grande, divina e infinita prisão!
Todo o teu corpo bom tem o sabor de um fruto
Que devoro, faminto, e em tumulto, disprato,
Tal se o pomo dos céus aos meus olhos chegasse...
— Deixa-me devorar a polpa desta lúcia!

ESMERALDA:

Toma-me a ti! Devora o pomo apeteído...

PAULO EMILIO:

Perdão, não posso mais! Sou prostrado e vencido...

("Jornal do Comércio", de Recife)

POETAS DE GOIAZ

O diretor da "Autores e Livros" recebeu uma carta, que pede vista para transcrever. Ela:

Anapólis, Goiás.

Excmo. Sr. Múcio Leão:

Nam dos apl. mentos de "A Manhã", que o illustre e competente dirige com intenso brilho e ampla documentação, encontrei o pedido de informação sobre o Simbolismo, conhecido somente através de suas figuras de maior relevo.

Uma Haja de Carvalho Ramos, unico literato goiano de projeção nacional, foi principalmente produtor.

Lembrei-me, por isso, de lhe enviar quatro poemas de poetas goianos, em que se evidencia a influência do Simbolismo.

A primeira, "Prelúdio", de Erico Curado, que atravessa em Corumbá uma existência de sonhador, como a que Apollonius de Guimarães levava em Mariana, tem a musicalidade dos versos de Cruz e Sousa.

A segunda, "Águas Paradas", de Leo Lynce, principio dos poemas goianos, compara os suicidas às águas mortas das vasantes, unidas desviando-se da corrente, outros da vida.

A terceira, "Finis", de Vasco dos Reis, poeta e sonador, que dirige a Secretaria da Educação, renova o sonho de quem, terminados os estudos, se arrojou à vida, com o intuito de uma viagem pelos mares incógnitos. Ajarar da alma sertaneja da epopéia lina do século dos descobrimentos.

A quarta, "Vivendo", de Guilherme Xavier de Almeida, poeta, cantor e "conteur", traça um paralelo entre a estação e os sentimentos do aedo, e o aspeiro e o povo de sua pequena cidade. Moritallous não não atendida pela "Marcha para o Oeste". Não me atrevo a tomar mais longa esta carta, que é uma lança em Africa, pois não lhe sendo leu-ada pessoalmente por pessoa conhecida, talvez não encontre a leitura.

Espera, entretanto, que, se o acaso a favorecer, as palavras, que a secom, sejam aproveitadas.

Admirador atento

XAVIER JUNIOR

PRELÚDIO

ERICO CURADO

Guita maviosa... ou trêmulos violinos...
Luz de maio e brisas vespertais,
Ondas que exalim sonhos levantinos,
Linhas quebrando em formas inmortais!

Sinfonias da luz, nébias dos amos,
Lendas e sagas, noites medievais,
Lírios e romas, nívicos, purpurinos,
Fazet meus versos vagos, musicais!...

Fazet meus versos de um lavor sutil...
Ritmas brilhando em cadencioso acento,
— Murmúrio espasmo de um rosal de abril!

Fazet meus versos leves, como um trilo,
Como o sorrir de um bandolim sereno:
— Salmos de amor, — em blandicento estílo!

II

ÁGUAS PARADAS

LEO LYNCE

Águas paradas,
Águas enstadas,
Que não cantam mais...
Águas que se desviam da corrente,
Para dormir profundamente
Sob a cortina verde dos copais.
Águas mortas,
Mudo espelho da paisagem,
Vós sois a imagem dolorida,
A sombria e dolorida imagem
Da alma do suicida,
Que fraquejou na viagem
E se sumiu da vida...

III

FINIS

VASCO DOS REIS

Tu que arrojais ao mar, tão sobrenatural
O barco ingente e rijo que manobras;
Tu que nasceste para menaçoar
De eternos sonhos e de grandes obras;

Leva da costa o barco aventureiro,
Já que, em tréados pareces, não mais sosobras;
Abre as velas e, inapavido, lyeiro,
Gafia do oceano as mais longinquas dobrás.

Sé sempre forte! e, para que não antes,
Alguma vez, no rutilo futuro,
O hábito vil de escárnias famintas,

Deixa em rasto de espuma em cada vaga,
Mostra aos fentos e tímidos que um puro
Rasga as antras da vida e não naufraga.

IV

VIVENDO

GUILHERME XAVIER DE ALMEIDA

Meu coração é uma cidade antiga,
De casas brancas e compridos muros,
Com pontões amplexivos, eucoros,
E gente simples, de feição antiga.

Seus habitantes não são todos puros,
Talvez entre eles haja alguma bruxa,
Mas a harmonia geralmente abstrusa
E ajunta, rando-se, as rivis mais duras.

Sua alegria autêntica e clara
Reconhece miragens que ninguém suscita
Nem descobre, impertinente, amara.

E julga-se feliz, pois, sem vaidade,
Confiando na modesta mais perfida,
Tranquilidade com felicidade.

O CRISTIANISMO ANTES E DEPOIS DE JESUS

(Conclusão da pág. 306)

e pacificadora, ufana dos seus oradores e das suas legiões, desdenha os operários e todas essas pobres criaturas que se ocupam em produzir ou transportar as coisas necessárias à vida.

Despreza o trabalho manual e considera infame de um cidadão qualquer tráfico. Faz-se servir por exércitos de escravos, aos quais, na sua cruel prudência, castiga somente o terror das aulinhas. Vê sem temor a miséria oriental correr como uma lepra às margens do Tibre, insultar o rio, tão orgulhoso de clamar com os seus flancos amarelos o monumento de Numa Pompílio e o templo de Vesta.

Lá, na lama e nas imundícies, os judeus nuscidos dos prisioneiros de Pompeia, humildes e tancorosos, e uma multidão sempre crescente de caldeus, de egípcios, vivem dos ofícios de mais via, despojam os fregueses, trocam losforos por vidros quebrados, vendem trapos e restos. As suas mulheres vão dizer a "buena dicha" na

casa dos ricos; seus filhos mendigam, descalços, pelos bosques da Egitia. Vivem em uma promiscuidade que produz rixas perpétuas e em uma exaltação religiosa que por vezes se transforma em furor.

Roma castiga; castiga com uma severidade implacável e diatriba, os seus motins e os seus distúrbios.

A polícia apazigua à bastonadas as suas brigas a propósito de "um certo Christo", de que fala Suetônio, no qual se reconheceu o Cristo, mas que pode muito bem ser apenas um escravo revoltado. Depois, esta Roma — providência do Univero — deixa os encharcar-se na miséria e na infâmia. Não tenta minorar-lhes os males; não dá um passo para chamá-los a ela. Não lhes ensina nada de romano; não aprende com eles nada de humano. Ignora o seu pensamento humilde, a sua fé, as suas esperanças. Eles são a rale da humanidade, o rebotalho dos povos, esses judeus de Janiculo.

Na sua abjeção e na sua inopia, possuem apenas os seus so-

nhos. Pois, os seus sonhos é que mudarão o mundo. Da infâmia Soburra, dos ergistulos, das pedreiras, das prisões vai surgir a Igreja que Constantino fará assentar na Púrpura, que arrancará, da curia a estatura da Vitória e que de pé sobre as ruínas de Roma interessará à sua glória Pepino e Carlos Magno, disputará o império aos Cesares germânicos e obrigará imperadores e reis a lhe beijarem os pés.

Todas as potências da terra crescem no oprobrio. Os domadores dos homens que olhem a seus pés, que procurem entre os povos que oprimem e as doutrinas que desprezam; é daí que há de sair a força que os deve abater.

O cristianismo triunfa; triunfa porque conquistou as almas pela promessa de uma justiça e de uma bondade mais doce que a justiça e a bondade dos seus inumeráveis rivais da Europa e da Ásia. Os pressentimentos de Leuconoe não eram vãos.

A humanidade vai gozar, enfim, a doçura de adorar um menino e de chorar um Deus, vai mergulhar com deicta nas águas do batismo que resiliuem aos pecadores a inocência e a pureza. O cristianismo triunfa, é certo; mas só triunfa nas condições impostas pela vida a todos os partidos políticos e religiosos. Todos, quaisquer que sejam, se transformam tão completamente na luta, que depois da vitória não lhes ficam deles nemos senão o nome e alguns símbolos do seu pensamento perdido.

As religiões se transformam e tão completamente ao sabor dos sentimentos e dos interesses dos seus fiéis, que no cabo de alguns anos nada conservam do espírito que a criou. Os deuses mudam mais que os homens porque têm uma força mais preciosa e uma duração muito maior.

Alguns melhoram, envelhecendo, outros estraga-os a idade.

Em menos de um século um Deus torna-se irreconhecível. O

dos cristãos transformou-se mais completamente talvez do que qualquer outro. Isto resulta, sem dúvida do fato de haver ele pertencido sucessivamente à civilização e raças muito diversas, aos latinos, aos gregos aos bárbaros, a todas as nações erguidas sobre as escombros do império romano.

Não há dúvida que dista muito do rígido Apolo de Dedalo, o Apolo clássico de Belvedere.

A distância é maior do Cristo pobre e comunista das catacumbas ao Cristo protetor da usina, defensor do capital e adversário do socialismo que flloreceu sob o pontificado de Leão XIII e que ainda reina.

E compreende-se, considerando essas transformações de um ideal divino através dos séculos, esta frase orgulhosamente crítica do mais inteligente dos autoritaristas franceses, Charles Maurras, que apoiando sua doutrina do poder absoluto no ensino da Igreja católica, responde aos que lhe citam o doce evangelho:

"Pouco me importa saber o que quatro judeus obscuros pensaram de Jesus Cristo".

Terminel, senhores e senhores, essas breves considerações sobre um assunto que interessa à moral e à filosofia.

Acredito, a despeito da mistura de prosa e verso que ai flui, tê-lo tratado com a conveniente gravidade; creio ter mostrado, pelo menos, entremostrado, as lições que ele comporta.

Desses ensinamentos o mais precioso, a meu ver, é aquele que (se me não enganar) acclardes melhor, é a necessidade, em uma sociedade política e culta do respeito das consciências unido indissolavelmente à liberdade de pensamento e de expressão. Esse deve ser "credo" de um povo cioso, como o vosso, de realizar o tipo mais elevado da civilização e atingir o mais alto grau de cultura intelectual e moral.

Mas agora preciso essas exortações nesta bela terra em

que reinam por vós a liberdade, a tolerância, a concordia? Em matéria de sabedoria a Europa nada tem a vos ensinar

(D. Casimiro), 10-8-1941.

NOTA A ESTE SUPLEMENTO

Com o fascículo de hoje, completamos a parte literária do sexto volume de Autores e Livros, pois fica faltando apenas, para darmos por encerrado esse volume o aparecimento do índice geral. Esse índice aparecerá no último domingo do mês, dia 25. No próximo domingo, dia 18 — aparecerá o Pensamento da América. Também o primeiro domingo de julho próximo — dia 2 — verá o aparecimento de Pensamento de América. Será uma homenagem especial, que vamos fazer aos Estados Unidos cuja data de independência, como se sabe, transcorre no dia 4 daquele mês.

Assim, nos outros domingos de julho — que cairão nas datas de 9, 16, 23 e 30 — aparecerão os fascículos de Autores e Livros. Nesses quatro fascículos, e mais nos do mês de agosto, de contamos continuar a tratar de críticos e filósofos, tal como o fizemos na última parte do volume que agora se encerra, parte em que focalizamos a Escola do Recife. Entre os nomes que temos em vista para os artigos do sétimo volume contamos os de Farias Brito, Paulo Cardoso, Laurindo Leão, Lafayette, Pedro Lessa, Vicente Lelito, Cardoso, Alberto Faria.

Com o encerramento desse sexto volume, marcamos a publicação do nosso centésimo vigésimo suplemento, abrangendo o preço de dezentos autores.

O suplemento de hoje, dedicado a Anatole France — cuja data centenária passou este ano — encerra sobretudo uma homenagem ao grande poeta francês, hoje vivo, uma das horas mais intensas e mais heróicas do seu incomparável destino.

A CHARLES MAURRAS

*Au bord des eaux de lumière fleuries,
Sur l'unique chemin ou le vieillard des mers,
Entre les oliviers de la vierge aux yeux noirs,
Tu naquis. Ton enfance heureuse a respiré
Vst dans leur murmure bleu passer les trois Maries,
Et l'adorer au jour sa marche cadencée.*

*Le long du rivage sacré
Parmi les fleurs de sel qui l'ouvrent dans les sables
Tu méditais d'ingénieuses fables,
Charles Maurras: les dieux indignes, les dieux
Fables et le Dieu qu'apporta Madeline
Tadornant de l'ont donné le ossem de Silène*

*Et l'orgue saint accorde des pins mélodieux,
Pour sonner ta voix qui dit la beauté sainte,
L'harmonie, et le chœur des loix traçant l'enceinte
Deu, d'A, et l'Amour et sa divine saeur,
La Mort qui l'équie en douceur.*

ANATOLE FRANCE

DIRETORIAS DA ACADEMIA

Desde a sua fundação, em 1897, a Academia Brasileira de Letras tem tido as seguintes direções:

I — PRESIDENTES:

- 1 — MACHADO DE ASSIS — Eleito por unanimidade em 4 de janeiro de 1897. — Reeleito em 7 de dezembro de 1897, em 28 de novembro de 1907 e assim sucessivamente até 29 de setembro de 1908, dia em que faleceu.
- 2 — RUI BARBOSA — Eleito por unanimidade em 3 de outubro de 1908. — Reeleito em 20 de novembro de 1908, em 3 de dezembro de 1909, em 26 de novembro de 1912, em 29 de novembro de 1913, em 28 de novembro de 1914, em 23 de novembro de 1916, em 29 de novembro de 1917, em 21 de novembro de 1918, sempre por unanimidade, até 8 de maio de 1919, quando renunciou definitivamente.
- 3 — DOMÍCIO DA GAMA — Eleito em 15 de maio de 1919.
- 4 — CARLOS DE LAET — Eleito em 16 de outubro de 1919. — Reeleito em 20 de novembro de 1919, em 19 de novembro de 1920, em 29 de novembro de 1921, Renunciou, por carta, em 24 de novembro de 1922.
- 5 — AFRÂNIO PEIXOTO — Eleito em 7 de dezembro de 1922. — Reeleito em 31 de dezembro de 1922. — Renunciou em 26 de julho de 1923. — Reeleito em 2 de agosto de 1923.
- 6 — MEDEIROS E ALBUQUERQUE — Aclamado internamente em 26 de julho de 1923 até 2 de agosto de 1923. — Eleito em 20 de dezembro de 1923. — Renunciou a 6 de março de 1924, mas a renúncia foi negada. Embarcou para o Peru a 17 de novembro de 1924, sendo substituído por Afonso Celso (secretário interino) até 3 de janeiro de 1925.
- 7 — AFONSO CELSO — Eleito por unanimidade em 18 de dezembro de 1924. Em 20 de novembro de 1924 foi aclamado presidente interino, na ausência de Medeiros e Albuquerque.
- 8 — ALBERTO DE OLIVEIRA — Eleito em 24 de dezembro de 1925, renunciando em seguida.
- 9 — COELHO NETO — Eleito em 24 de dezembro de 1925.
- 10 — RODRIGO OTAVIO — Eleito em 23 de dezembro de 1925, (a 6 de março de 1927 embarcou para Buenos Aires, sendo substituído por Antonio Austregesillo). Reassumiu a 4 de abril de 1927.
- 11 — JOÃO RIBEIRO — Eleito em 23 de dezembro de 1927, tendo renunciado a seguir.
- 12 — SILVA RAMOS — Eleito em 23 de dezembro de 1927, renunciando em seguida.
- 13 — AUGUSTO DE LIMA — Eleito em 22 de dezembro de 1927.
- 14 — DANTAS BARRETO — Eleito por aclamação em 20 de dezembro de 1928, renunciando a seguir.
- 15 — AFONSO CELSO — Eleito em 23 de dezembro de 1929 renunciando em seguida.
- 16 — FERNANDO MAGALHÃES — Eleito em 20 de dezembro de 1928.
- 17 — ALOYISIO DE CASTRO — Eleito em 19 de dezembro de 1929.
- 18 — RAMIZ GALVÃO — Eleito em 18 de dezembro de 1930.
- 19 — FERNANDO MAGALHÃES — Eleito em 23 de dezembro de 1930. — Reeleito em 24 de dezembro de 1931. Renunciou em 11 de agosto de 1932.
- 20 — GUSTAVO BARROSO — Eleito em 1 de setembro de 1932. — Reeleito em 23 de novembro de 1933.
- 21 — RAMIZ GALVÃO — Eleito em 30 de novembro de 1933. — Reeleito em 21 de dezembro de 1933.
- 22 — AFONSO CELSO — Eleito em 20 de dezembro de 1934. Resignou, por carta, em 8 de agosto de 1935.
- 23 — LAUDELINO FREIRE — Interino em 10 de agosto de 1935 a 23 de dezembro de 1935. Eleito em 19 de dezembro de 1935.
- 24 — ATAULPHO DE PAIVA — Eleito em 24 de dezembro de 1936.
- 25 — CLAUDIO DE SOUSA — Eleito em 23 de dezembro de 1937.
- 26 — ANTONIO AUSTREGESILLO — Eleito em 22 de dezembro de 1938.
- 27 — CELSO VIEIRA — Eleito em dezembro de 1939.
- 28 — LEVI CARNEIRO — Eleito em 19 de dezembro de 1940.
- 29 — JOSE CARLOS DE MACEDO SOARES — Eleito em 18 de dezembro de 1941. — Reeleito em 24 de dezembro de 1942.
- 30 — MUCIO LEAO — Eleito em 23 de dezembro de 1943.

II — SECRETÁRIOS GERAIS:

- 1 — JOAQUIM NABUCO — Eleito em 4 de janeiro de 1897. — Reeleito em 7 de dezembro de 1897, em 28 de novembro de 1907, em 30 de novembro de 1908, em 3 de dezembro de 1909. Substituído em 10 de agosto de 1909, por Medeiros e Albuquerque, e em 30 de novembro de 1908 por José Veríssimo.
- 2 — MEDEIROS E ALBUQUERQUE — Designado para substituir Joaquim Nabuco em 10 de agosto de 1909 e em 28 de novembro de 1907. — Eleito em 25 de maio de 1910 e em 23 de novembro de 1910. Reeleito em 29 de novembro de 1917.
- 3 — JOSE VERÍSSIMO — Designado para substituir Joaquim Nabuco em 1 de maio de 1909. Eleito em 26 de novembro de 1910. — Reeleito em 25 de novembro de 1911. — Renunciou em 22 de junho de 1912. — Eleito em 29 de novembro de 1913. Renunciou em 25 de abril de 1914.
- 4 — AFONSO CELSO — Eleito em 30 de novembro de 1912.
- 5 — RODRIGO OTAVIO — Eleito em 23 de novembro de 1914.
- 6 — MEDEIROS E ALBUQUERQUE — Eleito em 23 de novembro de 1916. — Reeleito em 29 de novembro de 1917.
- 7 — DOMÍCIO DA GAMA — Eleito em 21 de novembro de 1918, até 15 de

maio de 1919, quando foi eleito presidente.

8 — CARLOS DE LAET — Convidado por Domício da Gama, em 15 de maio de 1919 para servir como secretário geral.

Eleito presidente, convidado

9 — ATAULPHO DE PAIVA — em 15 de outubro de 1919. — Eleito em 30 de novembro de 1919. — Reeleito em 18 de novembro de 1920. — Reeleito em 29 de dezembro de 1921. Resignou em 7 de dezembro de 1922.

10 — LUIS MURAT — Eleito em 21 de dezembro de 1922. — Resignou em 26 de julho de 1923.

11 — MEDEIROS E ALBUQUERQUE — Eleito em 2 de agosto de 1923.

12 — FILINTO DE ALMEIDA — Eleito em 20 de dezembro de 1923. Retirou-se para Portugal em 3 de abril de 1924.

13 — RODRIGO OTAVIO — Convidado. Interinamente, por Medeiros e Albuquerque, em 3 de abril de 1924. — Retirou-se para o México em 24 de julho de 1924.

14 — AFONSO CELSO — Convidado, internamente, por Medeiros e Albuquerque, em 24 de julho de 1924 até 3 de janeiro de 1925.

15 — LAUDELINO FREIRE — Convidado. Interinamente, por Afonso Celso em 27 de novembro de 1924. — Eleito em 18 de dezembro de 1924.

16 — ALOYISIO DE CASTRO — Eleito em 24 de dezembro de 1925.

17 — ANTONIO AUSTREGESILLO — Eleito em 23 de dezembro de 1926. (Substituído o presidente Rodrigo Otavio de 6 de março de 1927 a 4 de abril de 1927).

18 — FERNANDO MAGALHÃES — Eleito em 22 de dezembro de 1927.

19 — GUSTAVO BARROSO — Eleito em 20 de dezembro de 1928. Reeleito em 19 de dezembro de 1929, em 22 de dezembro de 1930. — Reeleito em 24 de dezembro de 1931. Renunciou em 11 de agosto de 1932.

20 — OLEGARIO MARIANO — Eleito em 1 de setembro de 1932. — Reeleito em 22 de dezembro de 1932.

21 — FELIX PACHECO — Eleito em 21 de dezembro de 1933.

22 — FERNANDO MAGALHÃES — Eleito em 31 de outubro de 1934.

23 — LAUDELINO FREIRE — Eleito em 20 de dezembro de 1934. (Presidente interino de 10 de agosto de 1935 a 23 de dezembro de 1935).

24 — OTAVIO MANGABEIRA, convidado internamente, em 26 de agosto de 1935. Eleito em 14 de dezembro de 1935.

25 — MIGUEL OSÓRIO DE ALMEIDA — Eleito em 24 de dezembro de 1936.

26 — ANTONIO AUSTREGESILLO — Eleito em 23 de dezembro de 1937.

27 — CELSO VIEIRA — Eleito em 22 de dezembro de 1938.

28 — LEVI CARNEIRO — Eleito em 21 de dezembro de 1939.

29 — JOSE CARLOS DE MACEDO SOARES — Eleito em 19 de dezembro de 1940.

30 — MUCIO LEAO — Eleito em 18 de dezembro de 1941. — Reeleito em 24 de dezembro de 1942.

PEDRO CALMON — Eleito em 23 de dezembro de 1943.

III — PRIMEIROS SECRETÁRIOS:

1 — RODRIGO OTAVIO — Eleito em 13 de janeiro de 1897. — Reeleito em 7 de dezembro de 1897 e em 21 de novembro de 1907.

2 — OLAVO DILAC — Eleito em 30 de novembro de 1903.

3 — JOSE VERÍSSIMO — Eleito em 3 de dezembro de 1909. Renunciou em 23 de junho de 1912. Em 14 e 21 de julho de 1913 reitera o pedido de renúncia.

4 — SOUSA BANDEIRA — Eleito em 24 de novembro de 1910. — Reeleito em 25 de novembro de 1911 e em 30 de novembro de 1913.

5 — AUGUSTO DE LIMA — Eleito em 29 de novembro de 1913. Reeleito em 28 de novembro de 1914; em 23 de novembro de 1915 e em 29 de novembro de 1917.

6 — ATAULPHO DE PAIVA — Eleito em 21 de novembro de 1913. Convidado para o cargo em 16 de outubro de 1919.

7 — LUIS GUIMARÃES — Convidado em 19 de outubro de 1919. — Eleito em 20 de novembro de 1919.

8 — AFRÂNIO PEIXOTO — Nomeado em 10 de junho de 1920 em substituição de Luis Guimarães Filho.

9 — GOULART DE ANDRADE — Eleito em 18 de novembro de 1920. — Reeleito em 21 de dezembro de 1921. — Renunciou em 7 de dezembro de 1922.

10 — XAVIER MARQUES — Eleito em 21 de dezembro de 1922. — Substituído, internamente, por Amadeu Amaral em 25 de janeiro de 1923. — Resignou em 26 de julho de 1923. — Reeleito em 2 de agosto de 1923.

11 — ALBERTO FARIA — Eleito em 20 de dezembro de 1923, até 3 de janeiro de 1925.

12 — AUGUSTO DE LIMA — Eleito em 18 de dezembro de 1924.

13 — AMADEU AMARAL — Eleito em 24 de dezembro de 1925. — Resignou, por carta, a 11 de março de 1926.

14 — GUSTAVO BARROSO — Eleito em 11 de março de 1926.

15 — AUGUSTO DE LIMA — Eleito em 23 de dezembro de 1926.

16 — ADELMAIR TAVARES — Eleito em 23 de dezembro de 1927. Eleito em 1 de setembro de 1932. Reeleito em 23 de dezembro de 1932. Eleito em 24 de janeiro de 1935.

17 — OLEGARIO MARIANO — Eleito em 20 de dezembro de 1928. — Reeleito em 19 de dezembro de 1929; em 22 de dezembro de 1930; em 24 de dezembro de 1931. Renunciou em 11 de agosto de 1932.

18 — HELIO LOBO — Eleito em 21 de dezembro de 1933.

19 — CELSO VIEIRA — Eleito em 20 de dezembro de 1934. Renunciou em 17 de janeiro de 1935.

20 — MIGUEL OSÓRIO DE ALMEIDA — Eleito em 19 de dezembro de 1935.

21 — MUCIO LEAO — Eleito em 24 de dezembro de 1940. — Reeleito em 23 de dezembro de 1941.

22 — LEVI CARNEIRO — Eleito em 23 de dezembro de 1942.

23 — LEVI CARNEIRO — Eleito em 23 de dezembro de 1943.

24 — LEVI CARNEIRO — Eleito em 23 de dezembro de 1944.

25 — LEVI CARNEIRO — Eleito em 23 de dezembro de 1945.

to em 22 de dezembro de 1944.

23 — JOÃO NEVES DA FONSECA — Eleito em 21 de dezembro de 1943.

24 — PEREIRA DA SILVA — Eleito em 19 de dezembro de 1944.

25 — PEDRO CALMON — Eleito em 23 de dezembro de 1941.

26 — MANUEL BANDEIRA — Eleito em 23 de dezembro de 1943.

IV — SEGUNDOS SECRETÁRIOS:

1 — SILVA RAMOS — Eleito em 19 de janeiro de 1897. — Reeleito em 7 de dezembro de 1897. Substituído internamente por João Ribeiro em 18 de agosto de 1899 até 30 de junho de 1900, após o que reassumiu o cargo. Em 20 de junho de 1907, foi substituído por ?

2 — MARIO DE ALENCAR — Eleito em 23 de novembro de 1907. — Reeleito em 30 de novembro de 1908 e em 3 de dezembro de 1909.

3 — AFRÂNIO PEIXOTO — Eleito em 23 de novembro de 1910.

4 — AUGUSTO DE LIMA — Eleito em 23 de novembro de 1911. — Reeleito em 30 de novembro de 1912.

5 — FELIX PACHECO — Eleito em 29 de novembro de 1913.

6 — ALCIDES MAYA — Eleito em 23 de novembro de 1914.

7 — ANTONIO AUSTREGESILLO — Eleito em 23 de novembro de 1915. — Reeleito em 29 de novembro de 1917. — Substituído em 29 de agosto de 1918 por ?

8 — LUIS GUIMARÃES FILHO — Eleito em 21 de novembro de 1918. — A 16 de outubro de 1919 foi convidado para 1º Secretário: sendo substituído, nessa data, por ?

9 — ANTONIO AUSTREGESILLO — Convidado em 11 de outubro de 1919. — Eleito em 20 de novembro de 1919. Resignou em 20 de maio de 1920.

10 — ALBERTO FARIA — Nomeado em 20 de maio de 1920.

11 — ALOYISIO DE CASTRO — Eleito em 18 de novembro de 1920. — Reeleito em 29 de dezembro de 1921. — Substituído em 13 de julho de 1922 por Silva Ramos. — Reassumiu em 3 de novembro de 1922. — Resignou em 7 de dezembro de 1922.

12 — SILVA RAMOS — Interinamente, de 13 de julho de 1922 a 3 de novembro de 1922.

13 — HUMBERTO DE CAMPOS — Eleito em 21 de dezembro de 1922. — Resignou em 26 de julho de 1923. — Reeleito em 2 de agosto de 1923.

14 — GUSTAVO BARROSO — Eleito em 30 de dezembro de 1923. — Reeleito em 18 de dezembro de 1924.

15 — CLAUDIO DE SOUSA — Eleito em 24 de dezembro de 1925. — Estando ausente, foi convidado em 21 de janeiro de 1926 para exercer internamente o cargo de sr. Gustavo Barroso. — Eleito este a 11 de março de 1926 para 1º secretário é convidado o sr. Goulart de Andrade.

16 — ADELMAIR TAVARES — Eleito em 23 de dezembro de 1926.

17 — OLEGARIO MARIANO — Eleito em 23 de dezembro de 1927.

18 — OLEGARIO MARIANO — Eleito em 23 de dezembro de 1928.

19 — OLEGARIO MARIANO — Eleito em 23 de dezembro de 1929.

20 — OLEGARIO MARIANO — Eleito em 23 de dezembro de 1930.

21 — OLEGARIO MARIANO — Eleito em 23 de dezembro de 1931.

22 — OLEGARIO MARIANO — Eleito em 23 de dezembro de 1932.

23 — OLEGARIO MARIANO — Eleito em 23 de dezembro de 1933.

24 — OLEGARIO MARIANO — Eleito em 23 de dezembro de 1934.

25 — OLEGARIO MARIANO — Eleito em 23 de dezembro de 1935.

26 — OLEGARIO MARIANO — Eleito em 23 de dezembro de 1936.

27 — OLEGARIO MARIANO — Eleito em 23 de dezembro de 1937.

28 — OLEGARIO MARIANO — Eleito em 23 de dezembro de 1938.

29 — OLEGARIO MARIANO — Eleito em 23 de dezembro de 1939.

30 — OLEGARIO MARIANO — Eleito em 23 de dezembro de 1940.



BRASILEIRA DE LETRAS

- Eleito em 22 de dezembro de 1927.
18. **ROQUETTE - PINTO** — Eleito em 22 de dezembro de 1928. Renunciou a 10 de outubro de 1929.
19. **ALBERTO DE FARIA** — Eleito em 17 de janeiro de 1929. — Substituído, interinamente, por Gonçalo de Andrade, desde abril a 19 de dezembro de 1929.
20. **ACACIO TAVARES** — Eleito em 19 de dezembro de 1929. — Re-eleito em 22 de dezembro de 1929. — Renunciou em 11 de agosto de 1932.
21. **ANTONIO AUSTREGESILLO** — Eleito em 1 de setembro de 1929. Até 12 de outubro de 1932.
22. **HUMBERTO DE CAMPOS** — Eleito em 13 de outubro de 1929. Renunciou em 16 de novembro de 1932. Substituído por Gregório Fonseca.
23. **GREGÓRIO FONSECA** — Re-eleito em 22 de dezembro de 1932.
24. **AUGUSTO DE LIMA** — Eleito em 21 de dezembro de 1933. Até 22 de abril de 1934.
25. **CELSO VIEIRA** — Eleito em 16 de maio de 1934.
26. **PEREIRA DA SILVA** — Eleito em 29 de dezembro de 1934.
27. **MUCIO LEAO** — Eleito em 19 de dezembro de 1935.
28. **PEDRO CALMON** — Eleito em 24 de dezembro de 1935.
29. **JOVI CARNEIRO** — Eleito em 23 de dezembro de 1937.
30. **JOAO NEVES DA FONSECA** — Eleito em 22 de dezembro de 1933.
31. **JOSE CARLOS DE MACEDO SOARES** — Eleito em 21 de dezembro de 1939.
32. **PEDRO CALMON** — Eleito em 19 de dezembro de 1940.
33. **MANUEL BANDEIRA** — Eleito em 18 de dezembro de 1941. — Re-eleito em 24 de dezembro de 1942.
34. **MENOTTI DEL PICCHIA** — Eleito em 23 de dezembro de 1943. — Renunciou por impossibilidade de exercer o cargo, pois reside em São Paulo.
35. **VIRIATO CORREIA** — Eleito em 19 de janeiro de 1944.
- V — TESOUREIROS:
1. **INGLES DE SOUSA** — Eleito em 4 de janeiro de 1927. — Re-eleito em 7 de dezembro de 1927. — Renunciou por carta, em 14 de novembro de 1927, sendo substituído pelo 2.º Secretário.
2. **PILINTO DE ALMEIDA** — Eleito em 28 de novembro de 1927. — Re-eleito em 30 de novembro de 1928; em 3 de dezembro de 1929; em 26 de novembro de 1930. — Renunciou em 28 de outubro de 1931, sendo substituído pelo 2.º Secretário. — Re-eleito em 26 de novembro de 1931; em 30 de novembro de 1932; em 29 de novembro de 1933; em 23 de novembro de 1934; em 29 de novembro de 1935.
3. **DANTAS BARRETO** — Eleito em 21 de novembro de 1938. — Re-eleito em 20 de novembro de 1939.
4. **ALBERTO FARIA** — Eleito em 18 de novembro de 1939 e em 29 de dezembro de 1941.
5. **OSÓRIO DUQUE ESTRADA** — Eleito em 21 de dezembro de 1922. — Renunciou em 5 de julho de 1923.
6. **GUSTAVO BARROSO** — Eleito em 2 de agosto de 1923.
7. **CONSTANCIO ALVES** — Eleito em 3 de janeiro de 1924.
8. **OSÓRIO DUQUE ESTRADA** — Eleito em 18 de dezembro de 1924.
9. **LAURO MULLER** — Eleito em 24 de dezembro de 1925. — Renunciou em 7 de janeiro de 1926.
10. **ATAULPHO DE PAIVA** — Eleito em 7 de janeiro de 1926. — Renunciou em 14 de janeiro de 1926.
11. **HUMBERTO DE CAMPOS** — Eleito em 14 de janeiro de 1926.
12. **LUIS CARLOS** — Eleito em 23 de dezembro de 1926. Substituído por Fernando Magalhães em 15 de setembro de 1927 até 31 de dezembro do mesmo ano.
13. **FERNANDO MAGALHÃES** — Substituiu Luis Carlos em 15 de setembro de 1927 até 31 de dezembro do mesmo ano.
14. **CONSTANCIO ALVES** — Eleito em 22 de dezembro de 1927. — Re-eleito em 29 de dezembro de 1928.
15. **LUIS CARLOS** — Eleito em 19 de dezembro de 1929. — Re-eleito em 18 de dezembro de 1930; em 24 de dezembro de 1931. — Renunciou em 27 de agosto de 1932. — Re-eleito em 1 de setembro de 1932. Até 16 de setembro de 1932, quando faleceu.
16. **ANTONIO AUSTREGESILLO** — Nomeado interinamente em 15 de setembro de 1932. — Eleito em 13 de outubro de 1932.
17. **CLAUDIO DE SOUSA** — Eleito em 22 de dezembro de 1932. — Renunciou na mesma data.
18. **ANTONIO AUSTREGESILLO** — Eleito em 22 de setembro de 1932.
19. **CLAUDIO DE SOUSA** — Eleito em 21 de dezembro de 1932. — Re-eleito em 20 de dezembro de 1934. — Renunciou em 5 de janeiro de 1935.
20. **FERNANDO MAGALHÃES** — Eleito em 3 de janeiro de 1935. — Renunciou em 16 de outubro de 1935.
21. **XAVIER MARQUES** — Eleito em 24 de outubro de 1935.
22. **ANTONIO AUSTREGESILLO** — Eleito em 19 de dezembro de 1935.
23. **GUSTAVO BARROSO** — Eleito em 24 de dezembro de 1936. — Renunciou em 28 de outubro de 1937.
24. **CELSO VIEIRA** — Interino até 23 de dezembro de 1937. Eleito, nesta data.
25. **ROQUETTE - PINTO** — Eleito em 22 de dezembro de 1938. — Re-eleito em 21 de dezembro de 1939; 19 de dezembro de 1940; 18 de dezembro de 1941; 24 de dezembro de 1942; 23 de dezembro de 1942. — Renunciou, por doença, em 19 de janeiro de 1944.
26. **GUSTAVO BARROSO** — Eleito em 19 de janeiro de 1944.
- VI — BIBLIOTECARIOS:
1. **JOAO RIBEIRO** — Eleito em 28 de novembro de 1927.
2. **RAIMUNDO CORREIA** — Eleito em 30 de novembro de 1928.
3. **PAULO BARRETO** — Eleito em 26 de novembro de 1930. — Re-eleito em 25 de novembro de 1931 e em 30 de novembro de 1932.
4. **AFRANIO PEIXOTO** — Eleito em 25 de novembro de 1933. — Renunciou por carta em 26 de dezembro de 1935.
5. **OLAVO BILAC** — Eleito em 28 de novembro de 1934; em 23 de novembro de 1936 e em 20 de novembro de 1937.
6. **GOULART DE ANDRADE** — Eleito em 21 de novembro de 1938. — Re-eleito em 20 de novembro de 1939.
7. **ALBERTO DE OLIVEIRA** — Eleito em 18 de novembro de 1940. — Re-eleito em 26 de dezembro de 1941.
8. **CONSTANCIO ALVES** — Eleito em 21 de dezembro de 1942.
9. **RODRIGO OTAVIO** — Eleito em 3 de janeiro de 1924, até 24 de julho de 1924, quando foi substituído por
10. **AFRANIO PEIXOTO** — Nomeado, interinamente, em 24 de julho de 1924 a 3 de janeiro de 1925.
11. **CONSTANCIO ALVES** — Eleito em 18 de dezembro de 1924. — Renunciou em 12 de dezembro de 1925.
12. **GOULART DE ANDRADE** — Eleito em 19 de fevereiro de 1925. — Re-eleito em 24 de dezembro de 1925, por ser mais antigo (em competição com Humberto de Campos).
13. **CONSTANCIO ALVES** — Eleito em 7 de janeiro de 1926.
14. **FERNANDO MAGALHÃES** — Eleito em 23 de dezembro de 1926.
15. **MEDEIROS E ALBUQUERQUE** — Eleito em 22 de dezembro de 1927, por três anos (1928-1930).
16. **FELIX PACHECO** — Eleito em 22 de dezembro de 1930.
17. **AFRANIO PEIXOTO** — Eleito em 21 de dezembro de 1933.
18. **ALCEU AMOROSO LIMA** — Eleito em 19 de dezembro de 1935.
19. **VITOR VIANA** — Eleito em 24 de dezembro de 1936.
20. **PEREIRA DA SILVA** — Interino até 23 de dezembro de 1937. Eleito, nesta data.
21. **PEDRO CALMON** — Eleito em 22 de dezembro de 1938.
22. **FERNANDO MAGALHÃES** — Eleito em 21 de dezembro de 1938.
23. **CLEMENTINO FRAGA** — Eleito em 18 de dezembro de 1941.
24. **ANTONIO AUSTREGESILLO** — Eleito em 24 de dezembro de 1942.
25. **BARBOSA LIMA SOBRINHO** — Eleito em 23 de dezembro de 1943.
- VII — DIRETORES DA REVISTA (Anab):
1. **AUGUSTO DE LIMA** — em 1924.
2. **MEDEIROS E ALBUQUERQUE** — em 1925 e em 1926.
3. **CONSTANCIO ALVES** — em 1927.
4. **AFRANIO PEIXOTO** — em 1928 e 1930.
5. **MEDEIROS E ALBUQUERQUE** — em 22 de dezembro de 1930 para 1931 1933. Re-eleito em 21 de dezembro de 1933, até abril de 1933.
6. **FERNANDO MAGALHÃES** — de abril de 1933 a 2 de janeiro de 1936.
7. **CELSO VIEIRA** — Eleito em 2 de janeiro de 1936.
8. **ADELMAIR TAVARES** — Eleito em 23 de dezembro de 1937. — Re-eleito em 22 de dezembro de 1938; em 21 de dezembro de 1939.
9. **AFONSO TAUNAY** — Eleito em 19 de dezembro de 1940. — Re-eleito em 18 de dezembro de 1941; em 24 de dezembro de 1942.
10. **ADELMAIR TAVARES** — Eleito em 23 de dezembro de 1943.

Galeria de arte



N 14 — Noêmia — Retrato de Mulher

B R A S I L - (Cantata) - OLAVO BILAC

A PARTIDA

Côro

Plange a dobrada voz dos sinos... Amanhece.
Salve, mania donada!
Mortendo resplandec
Em logo o firmamento.
E, aos beijos da alvorada
E a carícia do vento,
A face azul do Teio arfa e estremece.

Aves do largo mar, sôfrega, aves,
Salve, formosas naves!
Propicio o vento vos enfusa as veias.
Dobrada-vos as alas...
Robertas caravelas,
Molemente vos beijam amecoras,
Cantando, as ondas rasas...
Salve, mania de rosas!

Solo

Plange a dobrada voz dos sinos, tristemente...
Homens do mar! — ao mar que vos reclama!
O perito de clima,
Aventurista gente!
O lamento de amor dos que ficam, correi!
Al de quem fica no mal de quem perde o que ama!
Prantos de mães, arde!
Entradas da saudade, arde perpetuamente!

Côro

Parlham, palpitando
As bandeiras de guerra,
Clamam os abanicos e os tambores,
Refam os abanicos e os tambores.
Adeus, formosa terra!
Adeus, noivas e flores!
Adeus, amigos e aves!
Larga a dobrada voz plange dos sinos graves...
Palpitam no horizonte
Os rebeldes anseios...
Adeus, vida feliz!

Solo

Galos do verde monte!
— Nos alcantos umbrosos,
Solucam... emudecem
As noites pastoris...
Os vales adormecem...
Fartam-se as campinas...
Adeus, doces cantinas...
A sombra maternal
Das árvores amigas!
Adeus, verdes colinas,
A flutuar no bano
Do orvalho matinal!
Ribeiros de água clara,
Entre o oiro da seara
E a silvra do rebanho!

Côro

Pulcra o sol nas armas dos guerreiros,
Gritam rindo os frustinos, Roucos, resacaem
Os siatros e os pandeiros...
E as grandes naves, de asas abertas, voam...

Solo

Adeus, águas queridas
Do Tejo encantador!
Adeus, casais risorões
Pelo pendor descendente
Das encostas floridas!
Vais de desaparecendo,
Terra do nosso amor,
Berço dos nossos sonhos...

Côro

Plange a dobrada voz dos sinos graves, plange...
Ao mar! Mania de mar, acolha a tua luz
As grandes naves que vão à procura de um mundo!
Refreza o vento... Ao largo!... A cordalha range...
Ao largo! Protege, antes do céu profundo,
O estandarte da Cruz!

II

TERRA!

Solo

Noites de horror... O céu troante,
Negro, em relâmpagos aberto.
Dias de susto... O vento incerto,
A agua infinita, a frota errante...

A prá, invivel e deserto,
Olhando o mar torvo e espumante,
Alucinado navegante,
Que busca tu nesse deserto?

Já para traz todas as ilhas
Deixaste, ó louco peregrino...
Faz névoa fria, amortalhada...

E contra o mar quebrando as quilhas,
Prota de espectros sem destino,
Dançam as naves desavoveradas...

Côro

Succede o dia à noite. A noite afoga o dia
Em trevas. E o Mistério as suas portas cerra...
Quando aparecerás, terra formosa e rica?
Aí é tão vasto o mar! tão longa esta agonia!

Uma vez (abafada)

Terra!

Côro

Aí é tão vasto o mar! e a Índia tão longe fica!

A voz (mais alta)

Terra!

Côro

Terra! Bendito o vento que balance
Os mastros nobres! Vem, com ele, o murmúrio
Das árvores... Desce
O mistério, os teus véus!

A voz

Terra!

Côro

Bendita Terra!

III

CRUZ

Solo

A tarde cai. Misterioso,
Geme nas velas o vento...
Há por todo o firmamento
Um anseio doloroso.

Aureo turbilhão incenso,
O acaso em púrpura arde.
E, para a oração da tarde,
Desfaz-se em nuvens de incenso.

E, Deus, na altura infinita,
Ame a tua profunda e calma,
Em cuja infinita palma
Todo o Universo palpita...

Côro

E ela que do mar, do céu em chama,
Da cerração,
Uma alta voz irrompe e clama
Na solidão.

Que voz é essa? Geme a capoma
Do mar... O vento se perfuma...
O mar ferece.

Domada léva, o derno arquia,
— Conto se a voz de uma seiria
Fosse essa voz...

Uma voz

Para! Uma terra nova no teu olhar futuro!
Detem-te! Aqui, de encontro a verde-anos futuro,
Em curvas se muda a inclemência das ventos
Este é o reino da Luz, do Amor e da Furtura!

Treme-te a voz afesta de blasfêmias e de iracúndia.
O nauta! E olha-a de pe, virgem morena e pura,
Que aos seus beijos entrega, em perra formosa,
Os seus seis que, ardendo em úteros, alagam...

Beija-a! o sol tropical deu-lhe a pele dourada,
O barulho do nubo, o perfume da roca,
A frescura do rio e o esplendor da alvorada...

Beija-a! E a mata bela flor da natureza humana!
E farta-te de amor neta carne clorosa,
O desvirginador da Terra Brasileira!

Côro

Aves, cantai! Na curva praia
O mar, em pérolas, desmata...
Almeja e dobra a virgino
Os largos leques dos coqueiros,
Nautas, desce! Baixai guerreiros,
A terra ideal da Promissão!

A natureza bruta em fogo a arde...
E horribiliza a praia, cheia
Da multidão dos homens nua...
Homens de bronze, fascinados,
Entre os coqueiros emplumados
Vendo subir a grande cruz!

Solo

A grande Cruz sobre tranquila
No ar pertumado, Sob o céu...
A Cruz domina a terra e o mar...
Sobre o venor da terra jovem,
Estende os braços que se movem,
Distribuindo as benções no ar...

Côro final

Filha amada da tua terra piedosa e bela!
Bemvindo o sol de amor que ao nosso olhar revela
Teu belo virginal, sob este céu de anil
Ave, Pátria, criança!
Ave, Filha do Sol! Morada da Esperança!
Ave, Brasil!

1906.

COISAS DE ROMANCE - JOSÉ LINS DO REGO

Quando estive pela última vez em São Paulo um jornalista procurou-me para conversar sobre literatura.

Então eu lhe disse que o povo brasileiro tem no romance de nossos dias um intérprete vivo.

ANATOLE FRANCE E A AMÉRICA LATINA

(Continuação da pág. 306)

era um incomparável hipócrita? Inclino-me por esta última hipótese. Uma análise mais detida da vida de Anatole France me faz pensar que em toda era um hipócrita, um ator, cujas palavras esonantes distanciam um fundo de desdém aristocrático. Contudo, porém, que leva uma desconfiança vital, não me é impossível a raça dos Platonos, e, portanto,

(Continuação de JOSÉ CENAR BOLSA)

O que a poesia realizou na época do romantismo com Castro Alves que fora uma espécie de campeão da liberdade, vem realizando o romance, dando e arrancando do povo o que o povo tem de profundamente original e de profundamente brasileiro. Não é literatura populista, não é literatura de classe, mas uma literatura humana, identificada com a terra e com a gente como seus elementos básicos.

O jornalista procurou falar de minhas influências estrangeiras, dos mestres que me haviam nutrido a minha formação cultural — eu lhe falei dos céegos contadores de feira do Paraíba e Pernambuco. Os céegos cantadores amados e ouvidos pelo povo, porque tinham o que dizer, tinham o que contar. Dizia-lhe, então: quando imagino os meus romances como sempre como o povo e modo de orientação o dizer as coisas como elas me surgem na memó-

ria, com o jeito e as maneiras simples dos céegos poetas. Por conseguinte, o romance brasileiro não terá em absoluto que procurar os Charles Morgan ou os Joyce para ler existência ou os céegos da feira livres servem muito mais como a Rabelais servirão os menestres vagabundos da França.

Voltando ao nordeste, com o meu último romance, eu quis mostrar que um arte não há temas esgotados. Há escritores esgotados. Quando pela primeira vez eu me lembrei de escrever o "Fogo Morto", encontrei-me com Manuel Bandeira, e, falando-lhe dos meus propósitos e dos meus planos, o grande poeta abriu-se naquela sua gargalhada, que é a mais humana gargalhada que conheço, e me disse: Você não deve sair do nordeste. Você é motor que se fundem bem queimando hábito de cana.

De fato, Manuel Bandeira li-

nha razão. Tema e povo confundiram-se com o escritor desterrado. Escrevi o romance num impulso; personagens me dominaram, mulheres e homens em sofrimentos queriam-me dar tudo que tinham, alma e corpo, dores e alegrias. Foi aí que me apaixonei como em milagre, que tivesse sobrepujado a minha memória, o grande capitão Vitorino Carneiro da Cunha, velho que atormentara na minha infância, que conhecia como um bôbo de engenho, com a sua enorme cara raspada de palmeiro e os seus restos intempestivos e desabonados. Coisa curiosa, eu que fiz tanta sofrer ao velho inerte a receber dele próprio a maior prova de amor humano. Vitorino Carneiro da Cunha, velho que atormentara inteiramente ao romancista, conseguiu arrancar da sua vida a única coisa perdurável de sua obra — um herói sem medo e sem mancha.

Imagino que tenha me redimido de todas as minhas errâncias com o relevo que o velho Vitorino associou ao meu romance. Penso que é ele que me dá a coragem de me apresentar a um homem capaz de me sustentar de uma crítica rigorosa dos meus romances. Acho que muito desdém me não faz preferências entre as suas livros. Seria como ao velho entre filhos. Mas, diga ao jornalista de todos os meus personagens eu ficaria com a minha capitão Vitorino Carneiro da Cunha. Falei assim para o meu leitor paulista. Que dar um depoimento sincero. E agora, revendo o que dissera, vejo que andei coberto de razão.

O capitão Vitorino é hoje o homem com que conto. Mas podem os críticos com o livro de José Lins do Rego. Conto a minha Vitorino, e Vitorino Carneiro da Cunha não como as memórias que atormentavam a sua vida montaria um livro.

José Lins do Rego